

AUTORES & LIVROS

15/2/1942
Ano II

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Múcio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. II
Núm. 6

TRÊS CRÔNICAS SOBRE O CARNAVAL - João Ribeiro

O CARNAVAL

Não tenho opinião alguma acerca do — Carnaval — que passa por ser uma das festas características do Rio de Janeiro.

Só que é uma tradição clássica da longínqua estirpe das bármidas romanas ou do delírio dionísico dos helenos na época jovial das colheitas.

Para mim a importância do Carnaval deve ser estudada por uma comissão, que é o endereço de todas as coisas importantes e urgentes.

Até que a comissão dê o seu parecer, podemos fazer sem arriscados compromissos.

Verifico neste momento estar um escritor francês a trazar a biografia e o romance de um grande pintor do século que findou, Édouard Manet, o chefe e o espírito do Impressionismo.

E a biografia nos faz uma revelação banal e surpreendente e é que o "impressionismo" deriva do Carnaval do Rio de Janeiro.

Por aqui andou, e era muito jovem o célebre artista. Não teria mais que dezesseis anos de idade e viu o Carnaval carioca que o deslumbrou como numa estrada de Damasco.

Fulminado pelo espetáculo da vida luxuriante e licenciosa das mentes, das mulatas e até mesmo de algumas senhoras brancas, pôde ele achar nessa confusão de sensualismos inconfundíveis as notas cruas e vibrantes do seu "impressionismo".

Descobriu ritmos ignorados, luz e cores que o espectro lhe negava nos climas friorentos do norte europeu.

Renovou, portanto, todas as suas noções do ambiente e todas as vibrações do mais pitoresco erotismo e os românticos punham acima de tudo o "exotismo" e criou a sua grande escola de pintura que revolucionou a arte do seu tempo.

Ora, o escritor francês Albert Flament está publicando a biografia e romance do grande artista, de maneira desse gênero de literatura que já produziu uma obra prima em — "La vie de Shylock" — de Maupassant.

E ele quem nos capitula da "Revue de Paris", segundo a interessante nota de P. L. que leio no — "Estado de São Paulo" —, nos surpreende agradavelmente com essa inesperada eficiência do Carnaval.

Tem, pois, a comissão a que acima aludi, de lançar a crédito dos nossos blocos e prestígio o benefício de uma arte que é ainda nova e talvez eterna.

Falta a essa ambiente o "entrudo" difusível que desapareceu com as serenas e os limites de cera, mal substituídos pelas histórias de etor.

Journal do Brasil, 10-2-1928

II

DIES NOV...

O Carnaval é, por excelência, a festa popular do Rio de Janeiro.

Poucas, poucasíssimas cidades, em todo o mundo, celebram com tamanho esplendor essa despedida das vaidades antes do rigor do arrependimento.

Parece que devem ser enormes os nossos pecados ou deve ser proporcional e profundamente sentida a penitência quaresmal.

Felizmente, a verdade é inteiramente outra. Nem pecamos de mais, nem nos arrependemos dos pecados cometidos.

Nenhuma alusão ao — "momento homo" — — transparece agora ou depois do enorme "charivari" destes dias.

Nas cidades do interior, onde se guardam os costumes tradicionais mais antigos, o carnaval é ainda o "entrudo" bárbaro com as tintas d'água, as lanças e resfriamentos inevitáveis.

A essa selvageria rucederam a pompa, o luxo, os bailes, os "travestis" de toda a espécie.

No seu formoso livro das — Aérides — restabelece Alberto Faria a verdadeira história e as origens do — "entrudo" — português, contra as exatidões etimológicas inabituamente propostas sem conhecimento nem erudição conveniente.

Dele tomamos a título de história esses versos duramente escritos por Filinto Elísio em Paris, quando a memória do poeta no exílio evocou as saudades do antiquíssimo entrudo português:

"Que tristeza aqui lavra na Thebaida! Um dia de Comadres, sem filhas! Dias de Entrudo, conchos, e Saturnos. Sem pôr, e rabo-leva!

Quem me diz que a nação dos tais (franceses) Amiga é de galhofa, e de brincado. Mentir, com quantos dentes tem na boca. Sem maldita vergonha.

Viva o meu Portugal. Viva a laranja. Que desliza o chapéu: viva a meiga! Que enoja a passageiro, viva a bala De barro, pessegueira.

Na saravala do ginjo, ou carapuça Da tartana sacando cavaleira! Viva a filha rascando pela esquina. Que assusta a velha zorra!

Que, esplêndido, na mesa, não bilazona O encostado lombo, e o arcor doce. E as murcetas monjais, acompanhadas Co' as luras trouxas de uva!

Oh, feliz Portugal! Que saudades Me não dá, noutras eras da Tintinada! Lusas mentiras, peravinhos leões. Todos fazenda talco.

Como brilham, com vias multicores! Como se dão as mãos, os m'os se (tucam) E que abraços, que beijos se não furtam Numa indulgente quadra!

Lá encontraremos ainda versos mais antigos da Academia dos Singulares.

Contrastado com os de hoje que enchem as folhas, são, por

igual, fastidiosas e insignificantes.

A poesia nada adiantou com o Carnaval, clássicos, românticos e realistas medem-se pela mesma craveira.

Houve progresso? Nem sempre as tradições são respeitáveis. E todas as coisas excruciantes, vícios e crimes, são tradições bárbaras que a civilização combate encarniçadamente.

Se no Carnaval há voluptuosa e sensualidade é que realmente uma e outra são prazeres inextinguíveis.

Não é possível divertir-se com muito "spleen", à maneira inglesa, como observava Montaigne: "Il s'amuseoit moult tristement à la manière des anglais".

Divertimo-nos com estardalhaço, com cantigas e zabumbas, com o aloridoamento da loucura.

Se alguma coisa nos pudesse informar de que o paganismo não desapareceu de todo, seria o Carnaval o mais eloquente e sincero testemunho de sobrevivência das bakchanais antigas.

Misturadas ao cristianismo essas festas de intemperança e rega-bofe previnem e desforram a fútil melancolia de quarenta dias de jejum e de arrependimento dos pecados.

Antes de tomar as cinzas nas quais devemos de reverter, segundo as palavras sagradas, achamos que uma despedida dos prazeres deve ser feita com a máxima intensidade.

São três dias, apenas, de saturação, de loucura. E se verificarmos que, em verdade, a quaresma é um puro mito, o jejum um pretexto para as peizadas, realmente a igreja se acha rodada literalmente.

O jogo "delici" em que estamos da penitência não nos inibe de contrair novas síndes de desordenada volúpia.

Entretanto, o Carnaval, ainda que bárbaro, vai pouco a pouco estilizando os seus costumes rudes e primitivos.

Sob certos aspectos é um espetáculo de arte e de beleza, com os seus "corcos" e batalhas de flores, com a jovialidade das erianças e da mocidade.

As hetairas tem o seu dia de apoteose ou de reclamo e oferecem pelo menos a franqueza que ocultam outras vestais da hipocrisia mais terrivelmente falsas, postizas e debochadas.

E muito duvidoso que esses três dias de escândalo perverso das criaturas realmente virtuosas e simples. Podem, certamente, oferecer um pretexto que não faltaria em eventualidade diferente.

O povo diversifica-se: e muitos são os que se distraem de amarguras e tristezas.

E a alegria é o maior e o mais eficiente de todos os tónicos. As naturezas doentias, aos temperamentos intratáveis e francos repugna essa alegria universal.

Pior para elas que não partir (Continua na pág. 85).



SUMÁRIO

PÁGINA 81:

— Três crônicas sobre o Carnaval, de João Ribeiro
— Sumário

PÁGINAS 88, 89 e 90:

— Alguns poemas do "Carnaval", de Manuel Bandeira (da Academia Brasileira) com ilustrações de Osvaldo Goeldi

PÁGINAS 82 e 83:

— O Bebê de Tariatana Rosa, de João do Rio, com ilustração de Osvaldo Goeldi

PÁGINA 91:

— Carnaval, de Gilberto Amado
— Dois desenhos de Angelo Agostini

— O entrudo em 1845, gravura de Debret

PÁGINA 92:

— Filmagem do Carnaval noturno, de D. Milano
— Carnaval, de Humberto de Campos

PÁGINA 84:

— Carnavalescos, de Olavo Bilac
— Falso Pierrot, de Hermes Fontes

PÁGINA 93:

— Evoé! Evoé! de Gomes Leite
— A moça que não voltou do Carnaval, de Alvaro Moreyra, com ilustração de Osvaldo Goeldi

— O entrudo, desenho de Angelo Agostini

PÁGINA 85:

— O Carnaval, de Graça Aranha, com ilustração de Osvaldo Goeldi

PÁGINA 94:

— Carnaval de outrora, de Coelho Neto

— Domingo de Carnaval (trecho de crônica), de Celso Vieira (da Academia Brasileira)

PÁGINA 95:

— A festa da melancolia, de Antônio Torres
— Meu Carnaval, de Ascenso Ferreira
— Desenho de Angelo Agostini

PÁGINAS 86 e 87:

— O Bloco das Mimosas Borboletas, de Ribeiro Couto (da Academia Brasileira) com ilustração de Osvaldo Goeldi

PÁGINA 96:

— Como eu me diverti! conto de Artur Azevedo, com ilustração de Osvaldo Goeldi

— O entrudo na rua, desenho de Angelo Agostini

O Bebê de Tarlatana Rosa — João do Rio

— «Oh! uma história de misé-
ricórdia! quem não a tem na sua
vida? O Carnaval só é interres-
sante porque nos dá essa sen-
sação de angustioso imprevisi-
vel... Francamente, toda a
gente tem a sua história de Car-
naval, deliciosa ou macabra, al-
gida ou cheia de luxúrias atro-
zes. Um Carnaval sem aventura
não é Carnaval. Eu mesmo
este ano tive uma aventura...

E Heitor de Alencar estava
vivo e perigosamente no diva,
grasando a nossa curiosidade.

Havia no gabinete o barão
Eduardo, Anatólio de Azambuja
de quem as mulheres tinham tanta
implicância, Maria de Flor,
a extravagante loirinha, e todos
ardiam por saber a aventura de
Heitor.

O silêncio tornou expectan-

te. Heitor, fumando um gima-
ris, parecia aborrido, parecia aborrido.
— E' uma aventura alegre?
indagou Maria.

— Conforme os tempera-
mentos.

— Suja?

— Favorosa ao menos.

— De dia?

— Não. Pela madrugada.

— Mas, homem de Deus,
conta! suplicava Anatólio.
Olla que está adoecendo a Ma-
ria.

Heitor puxou um largo tra-
ço a cigarreta.

— Não há quem não saia no
Carnaval disposto ao excesso,
disposto aos transportes de car-
ne e às manobras extravagantes.
O desejo, quase doente
é como incêndio, infiltra-se pe-
lo audiente. Tudo respira lu-

xúria, tudo tem da ânsia e do
espasmo, e nesses quatro dias
paranoicos, de pulos, de gimi-
chos, de confissões limitadas,
tudo é possível. Não há quem
se contente com uma...

— Nem com um, atalhou
Anatólio.

— Os sorrisos são ofertas,
os olhos suplicam, as gargal-
has passam como arrepios de
urtiga pelo ar. E' possível que
muita gente consiga ser indife-
rente. Eu sinto tudo isso. E
sábado, à noite, para a pomei-
da da cidade, saio como na Fon-
cia salm os navegadores para
a procissão da Primavera, ou
os alexandrinos para a noite
de Afrodita.

— Muito bonito! ciciou Ma-
ria de Flor.

— Está claro que este ano

organizei uma partida com qua-
tro ou cinco atrizes e quatro ou
cinco companheiros. Não me
sentia com coragem de ficar só
como um trapo no vagalhão de
volúpia e de prazer da cidade.
O grupo era o meu salva vidas.

No primeiro dia, no sábado, an-
damos de automóvel a percor-
rer os bailes. Lamos indiscreta-
mente beber "champagne" aos
"clubes" de jogo que anuncia-
vam bailes e aos maxixes mais
ordinários. Era divertidíssimo
e ao quinto "club" estávamos
de todo excitados. Foi quando
lembrei uma visita ao baile pú-
blico do Recreio. — Nossa Se-
nhora! disse a primeira estre-
la de revistas, que ia conosco.
Mas é horrível! Gente ordina-
ria, maritheiros à paisana, fi-
fias dos perdoços mais escusos

da rim de São Jorge, um chei-
ro atroz, rolos constantes...
— Que tem isso? Não vamos
juntos?

Com efeito, fomos juntos e
fantasiados as mulheres. Não
havia o que temer e a gente
conseguiu realizar o maior de-
sejo: acanhar-se, enlutar-se
bem. Naturalmente fomos e
era uma desolação com penas
beijadas e desdentadas espun-
hando bellatinas fedorentas
pelo estrado da banda militar,
todo o pessoal de aceiticos e
ruelas lóbregas e essas espi-
nhas figuras de larvas delicias-
as, de incubos em frascos de
álcool, que tem as perdas de
certas ruas, meças, mas com
traços como amassados e todas
pálidas, pálidas feitas de poça
de mata-borrão e de papel de
arroz. Não havia nada de novo.
Apenas, como o grupo pa-
rara diante dos dançarinos, eu
senti que se movia em mim,
gordinho e apetível, um bebê
de tarlatana rosa. Olhei-lhe as
pernas de meças curtas. Re-
stias. Verifiquei os braços, a curva
das espaldas, a curva do seio.

Bem agradável. Quanto ao
tosto era um rostinho atrevido,
com dois olhos perversos e uma
boca polvilhada como se chissas-
do. Só postigo trazia o nariz,
um nariz tão bem feito, tão
acertado, que foi preciso obser-
var para verificá-lo falso. Não
tive dúvida. Passei a mão e
preguei-lhe um beliscão. — Já
está mais e disse num suspi-
ro: — ai que dó! Estão vici-
a ver que eu fiquei imediat-
mente disposto a fugir do grupo.
Mas como iam cinco, a
seis damas elegantes capazes de
se deborçar mais de não per-
doar os excessos alheios, e era
sem linha correr assim, dan-
dando-as, atrás de uma es-
quentadora dos bailes do Recreio.
Voltamos para os amos-
noveis e fomos celar no "club"
mais "chic" e mais seguro
da cidade.

— E o bebê?

— O bebê ficou. Mas no do-
mingo, em plena Avenida, mol-
eu ao lado do "chauffeur", no
borbomilho colossal, senti um
beliscão na perna e uma voz
rueca dizer: "para pagar o de-
ntem". Olhei. Era o bebê ro-
sa sorrindo, com o nariz posti-
ço, aquele nariz tão perfeito.
Ainda tive tempo de indagar
onde vais fugir?

— A toda parte! respondi,
perdendo-se num grupo inco-
nhecido.

— Estava perseguindo-lhe
comentou Maria de Flor.

— Talvez fosse um louco e
soprou desdenhando o nariz
Anatólio.

— Não interrompa o Hei-
tor! fez o barão, estendendo a
mão.

Heitor acendeu outro gima-
ris, ponta de ouro, sorriso, con-
tinuou:

— Não o vi mais nessa no-
ite, e segunda-feira não o vi
também. Na terça desliguei-me
do grupo e caí no mar alto da
depravação, só, com uma bor-
ja leve por cima da pele e por-
dos os mais instintos fustiga-
dos. De resto a cidade inteira
estava assim. E' o momento



"... e de chofre agarrei o pupião, arrisquei..." (Ilustração de Oswald Goeldi)



Uma gravura de Debort — "O entrudo" (1912-1914)

em que por trás das máscaras as mesmas confessam paixões avulsas, é o instante em que as ligações mais secretas transparecem, em que a virgindade é diluída e todos nós a alcançamos inútil, a honra uma cação, o laço um fio de algodão. Nesse momento tudo é possível, os maiores absurdos, os maiores crimes; nesse momento há um riso que galvaniza os sentidos e o beijo se desata naturalmente.

Eu estava trepidante, com uma ânsia de acanhar-me, quase nublada. Nada de raparigas do galarim perfumadas e por demais conhecidas, nada do contacto familiar, mas o deboche anônimo, o deboche ritual de chegar, pegar, acabar, continuar. Era ignóbil. Felizmente muita gente sofre do mesmo mal do Carnaval.

— A quem o dizes?... suspirou Maria de Flor.

— Mas eu estava sem sorte, com a "guigue", com o "capurino" dos delinquentes indios. Era aproximar-me, era ver fugir a presa projetada. Depois de uma dessas caçadas pelas avenidas e pelas praças, embriafastei pelo São Pedro, meti-me nas danças, roci-me àquela gente em geral pouco limpa, mistei aqui, ali. Nada!

— E' quando se fica mais nervoso!

— Exatamente. Fiquei nervoso até o fim do baile, vi sair toda a gente, e saí mais desesperado. Eram três horas da manhã.

O movimento das ruas albradara. Os outros bailes já tinham acabado. As praças, horas antes incendiadas pelos projectores eléctricos e as cambiantes enlunadas dos fogos de bengala,

estavam em sombras — sombras cúmplices da madrugada urbana. E só, indicando a folia, a excitação da cidade, um ou outro carro acrilado levando máscaras aos beijos ou alguma fantasia tilintando guizos pelas calçadas folias de "confetti". Oh! a impressão enervante dessas figuras irreais na semi-sombra das horas mortas, roçando as calçadas, tilintando aqui, ali um som perdido de guizo! Parece qualquer coisa de impalpável, de vago, de enocme, emergindo da treva aos pedaços... E os domínios embuçados, as dançarinas anar-fantadas, a coleção indecisa das máscaras de último instante arrastando-se extenuados! Dei para andar pelo largo do Rocio e lá caminhando para os lados da Secretaria do Interior, quando vi, parado, o bebê de tarlatana rosa.

Era ele! Senti palpar-me o coração. Parei. — "Os bons amigos sempre se encontram" disse. O bebê sorriu sem dizer palavra. Estás esperando alguém? Fez um gesto com a cabeça que não. Enlacei-o. Vens comigo? — Onde? Indaguei a sua voz áspera e rouca. Onde quiseres! Peguei-lhe nas mãos. Estavam unidas mas eram bem tratadas. Procurei dar-lhe um beijo. Ela recuou. Os meus lábios tocaram apenas a ponta fria do seu nariz. Fiquei louco.

— Por pouco... — Não era preciso mais no Carnaval, tanto mais quanto ela dizia com a sua voz ariante e lúbrica: — "Aqui não!" Passei-lhe o braço pela cintura e fomos andando sem dar palavra. Ela apoiava-se em mim, mas era quem dirigia o passeio e os

seus olhos molhados pareciam fruir todo o bestial desejo que os meus diziam. Nessas fases do amor não se conversa. Não trocamos uma frase. Eu sentia a ritmia desordenada do meu

coração e o sangue em desespero. Que mulher! Que vibração! Tinhamos voltado o jardim. Diante da entrada que ficava fronteira à rua Leopoldina, ela parou, hesitou. Depois arastou-me, atravessou a praça, meteu-nos pela rua, escura e sem luz. Ao fundo, o edifício das Belas Artes era desolador e lúgubre. Apertei-a mais.

Ela aconchegou-se mais. Como os seus olhos brilhavam! Atravessamos a rua Luiz de Camões, ficamos bem em baixo das sombras espessas do Conservatório de Música. Era enorme o silêncio e o ambiente tinha uma cor vagamente russa com a treva espancada um pouco pela luz dos combustores distantes. O meu bebê gor-dinho e rosa parecia um esquecimento do vício naquela austeridade da noite. — Então, vamos? indaguei. — Para onde? — Para a tua casa. — Ah! não, em casa não posso... — Então por aí. — Entrar, sair, despir-me. Não sou disso! — Que queres tu, filha? E' impossível ficar aqui na rua. Daqui a minutos passa a guarda. — Que tem? — Não é possível que nos julguem aqui para bom fim, na madrugada de cinzas.

Depois, as quatro tens que tirar a máscara. — Que máscara? — O nariz. — Ah! sim! E sem mais dizer puxou-me.

Abracei-a. Beijei-lhe os braços, beijei-lhe o colo, beijei-lhe o pescoço. Gulosamente a sua boca se oferecia. Em torno de nós o mundo era qualquer coisa

de opaco e de indeciso. Sorvi-lhe o lábio.

Mas o meu nariz sentiu o contacto do nariz possado dela, um nariz com cheiro a resina, um nariz que fazia mal. — Tira o nariz! — Ela segredou: Não! não! custa tanto a coisear! Procurei não tocar no nariz tão frio naquela carne de chana.

O pedaço de papelão, porém, avultava, parecia crescer, e eu sentia um mal estar curioso, um estado de inibição esquisito. — Que diabo! Não vais agora para casa com isso! Depois não te distarça nada.

— Distarça sim! — Não! Procurei-lhe nos cabelos o cordão.

Não tinha. Mas abraçando-me beijando-me, o bebê de tarlatana rosa parecia uma possessa tendo pressa. De novo os seus lábios aproximaram-se da minha boca. Entreguei-me. O nariz roçava o meu, o nariz que não era dela, o nariz de fantasia. Então, sem poder resistir, fui aproximando a mão, aproximando, enquanto com a esquerda a enluçava mais, e de chofre agarrei o papelão arraquei-o. Presa dos meus lábios, com dois olhos que a cólera e o pavor pareciam fundir, eu tinha uma cabeça estranha, uma cabeça sem nariz, com dois buracos sangrentos atulhados de algodão, uma cabeça que era alucinadamente — uma caveira com carne...

Despeguei-a, recuei num imenso vômito de mim mesmo. Todo eu tremia de horror, de nojo. O bebê de tarlatana rosa emboracara no chão com a caveira voltada para mim, num choro que lhe arregaçava o beijo mostrando singularmente abaixo do buraco do nariz os dentes alvos.

— Perdia! Perdia! Não me batas. A culpa não é minha! Só no Carnaval é que eu posso gozar. Então, aproveito, ou viste? aproveito. Poste tu que quisesse...

Saí-lhe com fúria, pulando de pé num safanão que a devia ter desarticulado. Uma vontade de cuspir, de lançar, apertava-me a glote, e vinha-me o imperioso desejo de esmurrar aquele nariz, de quebrar aqueles dentes, de matar aquele atroz reverso da Luxúria... Mas um apito trinou. O guarda estava na esquina e olhava-nos, reparando naquela cena da semi-treva. Que fazer? Levarei a caveira ao posto policial? Dizer a todo o mundo que a beijara? Não resisti. Afastei-me, apressei o passo e ao chegar ao largo inconscientemente dei-tei a correr como um louco para a casa, os queixos batendo, ardendo em febre.

Quando parei à porta de casa para tirar a chave, é que reparei que a minha mão direita apertava uma pasta oleosa e sangrenta. Era o nariz do bebê de tarlatana rosa...

Heitor de Alencar parou, com o cigarro entre os dedos, apagado. Maria de Flor mostrava uma contração de horror na face e o doce Anatólio parecia mal. O próprio narrador tinha a esmarinhar-lhe a fronte gotas de suor. Houve um silêncio agonizante. Afinal o barão Belfort ergueu-se, tocou a campainha para que o criado trouxesse refrigerantes, e resumiu:

— Uma aventura, meus amigos, uma bela aventura. Quem não tem do Carnaval a sua aventura? Esta é pelo menos empolgante.

E foi sentar-se ao piano.

CARNAVALESÇOS — Olavo Bilac

São uma gente a parte, —
quasi uma raça distinta das
outras. Os que amam o car-
naval, como amam todas as ou-
tras festas, não são cínigos do
nome de carnavalescos. O car-
navalesco é um homem que
nasceu para o Carnaval, que
vive para o Carnaval, que con-
ta os anos de vida pelos Car-
navais que tem atravessado, e
que, na hora da morte, só tem
uma tristeza: a de sair da vida
sem gozar os Carnavais in-
contáveis que ainda se hão de
suceder no Rio de Janeiro pelos
séculos sem fim.

Que se não de suceder no Rio
de Janeiro — escrevi eu. Por-
que o verdadeiro, o legítimo, o
autêntico, o único tipo de car-
navalesco real é o carnavalesco
do Rio de Janeiro. A espécie é
rara, unicamente nossa, es-
sencialmente e exclusivamente
carioca: só o Rio de Janeiro,
com os seus Carnavais mara-
vilhosos, delirantes e inconfun-
díveis, possui o verdadeiro car-
navalesco.

E não suponham que haja
por aí muitos verdadeiros car-
navalescos... Quase todos os fe-
lizes do Carnaval folgam por
acidente, ou por imitação, ou
por desfastio, ou por entusias-
mo passageiro, folgando dois
anos, ou cinco anos, ou dez
anos — e cansam, e recolhem-
se à vida séria. Mas o carna-
valesco legítimo não tem can-
sa nem aposentadoria; en-
volve o carnavalesco, e morre
carnavalesco: morre no seu
poço, extenuado pelo Car-
naval, entusiasmado pelo Carnaval,
devorado pelo Carnaval. O Car-
naval é para ele ao mesmo tem-
po uma paixão absorvente e ar-
ruinadora, um vício indomável,
uma religião fanática. Para ele,
o Carnaval é o único oasis fres-
co e perfumado, que se lhe an-
teia no adusto deserto da
vida!

Esse é o verdadeiro carna-
valesco. Trabalha todo o ano, pe-
na e sua doce melancolia, fio,
privando-se do tudo, alimentan-
do-se mal, vestindo-se mal,
acumulando sombriamente, an-
te os olhos, a alucinação.
Vintem a vintem, os
contos de reis que há de gas-
tar no Carnaval. São doze me-
ses de sacrifício, de renúncia,
de despendimento: o carna-
valesco pensa apenas no Car-
naval. Não era maior do que a
sua constância de Jacob, pastor
apassionado, servindo o velho
Labão, pai da formosa Raquel.
O carnavalesco, para conquista-
lar o Carnaval, pena toda a
vida.

"Dizendo: mais penara, se não

Para tão grande amor tão cur-
ta vida!"

Accontece, às vezes, que o
carnavalesco já não é um rapa-
zola, sem família e sem deveres
sociais: — é um homem madu-
ro, negociante matriculado,
tendo próprio casal e nele as-
sistindo, tendo mulher e filhos,
tendo apólices e comenda. Pou-
co importa! É um carnavales-
co. Na vida desse homem,
de vida regrada e equilibrada,
o Carnaval é um hino, é uma
sincope, é a anulação completa
da sua consciência de homem e
de chefe de família, é a sus-
pensão absoluta de toda a sua
gravidade de negociante e de
comendador.

A família conhece e perdoa a
sua paixão: e, no sábado do
Carnaval, é o que se despede
dos seus, e parte para o delírio,
com os olhos acesos em febre,
e o coração rufando um zé-pe-
reira precipitado, — como os
antigos paladinos da Cruz par-
tiam para Jerusalém a defen-
der o Santo Sepulcro, ou como
os heróis da ciência partem
para o polo a desvassar o misté-
rio das neves eternas. Parte,
— e a família não o vê duran-
te os três dias fatais; e, na

quarta-feira de cinzas, o car-
navalesco volta ao seu lar e ao
seu negócio, morto, pisado,
contundido, — e muitas vezes
com a cara quebrada, — mas
sem remorso, sem arrependi-
mento, com o orgulho que dá a
consciência da missão bem cum-
prida.

Evoco a recordação, neste mo-
mento, de alguns carnavalescos
autênticos, que tenho conheci-
do — e dois, sobre todos, avul-
tam na minha memória, cla-
ramente relembrados.

Um deles era um negociante
rico, cuja opulência pesava na
praça, e cuja firma valia ouro
nos bancos. Não tinha vícios;
não fumava, não jogava, não
bebria, não frequentava cantin-
as nem chácaras suspeitas.
Era carnavalesco.

Haviam-no feito presidente
de uma sociedade de carna-
valescos, — e era ele quem pa-
sava a baderna, quem susten-
tava a glória do pavilhão do
club. E somente duas vani-
das e regalias exigia, em tro-
ca das muitas dúzias de contos
de reis que lhe custava cada
ano a sua paixão: a honra de
carregar o estandarte social, e
o privilégio de dar as "idéias"
para os carros de crítica no
grande préstito da terça-feira.

Quando o conheci, já ele ti-
nha vinte anos de carnavales-
co e de fornecedor de "idéias".
E, como eu o cumprimentasse
pela fecundidade da sua ima-
ginação, disse-me, apertando a
cabeça entre as mãos: "Real-
mente, eu não sei como esta ca-
beça ainda pode ter idéias!

Imagine o senhor: vinte Car-
navais!" E parecia-me real-
mente acabrunhado e sucum-
bido ao peso da sua mis-
são; e eu inclinei-me diante
dele, saudando-o, como se ti-
vesse diante de mim um Dar-
win, um Comte, um Spencer,
um desses criadores de doutri-
nas e sistemas, que atravessam
a vida semeando idéias pela
imensa extensão do campo ru-
ral.

Mas era de vê-lo, na terça-
feira de Carnaval, no alto do
grande carro do estandarte, so-
bre uma montanha de papéis
dourados, empunhando o pavil-
hão do Clube, entre quatro nie-
retrizes que lhe formavam a
guarda de honra, — e atravessa-
ndo a cidade, numa apoteose,
ao clamor triunfal das fanfar-
ras, sob a abóboda chamejante
dos arcos de gás, ao clarão
vermelho dos fogos-de-bengala!
A sua face, nua e escu-
nhada, de honrado comercian-
te, — resplandecia ali como
a de um deus! Assim devia Ba-
co partir para a conquista
das Índias! Assim deviam os
triunfadores romanos entrar
em Roma, depois da vitória,
precedidos pelos senadores, pe-
los litores e pelos bucinantes,
entre os despojos da guerra e
nas riquezas do saque! Aquela
noite só pagava ao carnavalesco
todos os seus sacrifícios de
dinheiro e todas as suas esban-
jamentos de "idéias". Hoje,
esse carnavalesco é morto;
morreu sempre rico, sempre
respeitado, sempre honrado, —
e sempre carnavalesco. Quan-

to à causa da morte, não te-
nho informações seguras: não
sei se foi apoplexia provenien-
te do orgulho de uma daquelas
noites de triunfo, ou se foi ane-
mia cerebral, proveniente de
imoderada criação de idéias...

O outro, cuja figura tenho
agora presente ao espírito, era
um carnavalesco pobre, — dos
que economizam o dinheiro du-
rante todo o ano para gastá-lo
no Carnaval. Era um guarda-
livros. Não lhe escrevo o nome,
— nem a alcunha, mais conhe-
cida ainda do que o nome. Era
famoso! Fantasava-se e mas-
carava-se no sábado, e só ti-
rava a fantasia e a máscara na
quarta-feira, para dar entrada
num hospital da Ordem Tercei-
ra, onde se refazia durante um
mês dos estragos dos quatro
dias de loucura. Com a conti-
nuidade do exercício carna-
valesco, já a sua face adquirira
esgares grotescos de máscara, e
a sua voz desdera a tons aflau-
tados de disfarce de demônio.

A tuberculose acabou por lhe
tomar conta do corpo, depois de
um dos seus desvairados Car-
navais. Mas ainda o carna-
valesco viveu dois ou três anos,
tático, — sem abandonar o
Carnaval. E nos Carnavais des-
ses dois ou três anos, — lem-
bro-me bem! — era um espe-
táculo macabro encontrá-lo pe-
las ruas, burlescamente vestido
de chita ou de melim, com os
ossos do corpo descarnado dan-
sando dentro das pantalonas
amplas e da blusa larga, tendo
por máscara a sua própria cara
envereadada, em que os olhos

ardiam com o brilho da febre
hética, — e dizendo coisas en-
graçadas, entre dois acessos de
tosse convulsa. Era um pas-
sado!

Alguem, que o conheceu até
a morte, contou-me que esta se
deu, — ironia da sorte! — ou
bondade do destino? — num
domingo de Carnaval, à hora
em que mais atroadora e bar-
bara era pelas ruas a négrica
carnavalesca...

Não creio que a morte lhe te-
nha aparecido com a sua tra-
gica e terrível majestade inot-
tual. Suponho que, no seu delí-
rio último, ela lhe apareceu
como uma Morte de Carnaval,
— dessas que encontramos por
aí, entre os velhos de cabeça
enorme e os diabinhos de can-
da vermelha, nos "cordeões"
que, inconscientemente, repro-
duzem as cerimônias cômicas
e pavorosas da Idade Média.

Assim deve ela ter aparecido,
a Morte, ao carnavalesco mori-
bundo, — como uma velha an-
ga de folia e de pândega. E o
carnavalesco arrojou-se no abraço
com alegria e foi valsan-
do com ela, cabriolando com
ela, encanando com ela, até
com ela cair no grande abismo
negro...

Cóisas de carnavalescos! Não
lhes dizia eu que os verdadeiros
carnavalescos são uma raça à
parte, uma gente que se não
parece com as outras gentes, e
que nasce carnavalesca para
viver carnavalesca e morrer
carnavalesca?

(1901).

FALSO PIERROT — Hermes Fontes

Falso Pierrot! Auto esse rosto,
mesmo através de tuos lábios.
Em vão me iludes! No alto rosto
teus expressões das mais distintas
que em rosto humano se hajam posto.

Amici teus olhos nesse dia
e tu o olhar nem reparas!
Enquanto a meu fervor ardia,
tu cobriolavas na folia,
Falso Pierrot!

Não mais voltei a vim do exposto
de ter amado um rosto falso!
Mas porque o tinha amado tanto,
guardei-o, guardei-o com encanto,
em sonho e verso, o lembro e caço!

Depois... ora! que o teu amante
cruento e mau te apunhalou!

E eu, que te amei um só instante,
em te amaria tão confiante
falso Pierrot!

Ontem, a festa, a orgia franca,
teus lábios úmidos de vinho:
Hoje ninguém o sangue estanca
que te unedece a carne branca
da cor do teu Pierrot de arminho!

Sanhaste alguém mancebo e forte...
Só em te amei, nenhum te amou!
Mas escolheste outro consorte...
O Amor é cúmplice da Morte,
Pierrot, Pierrot!

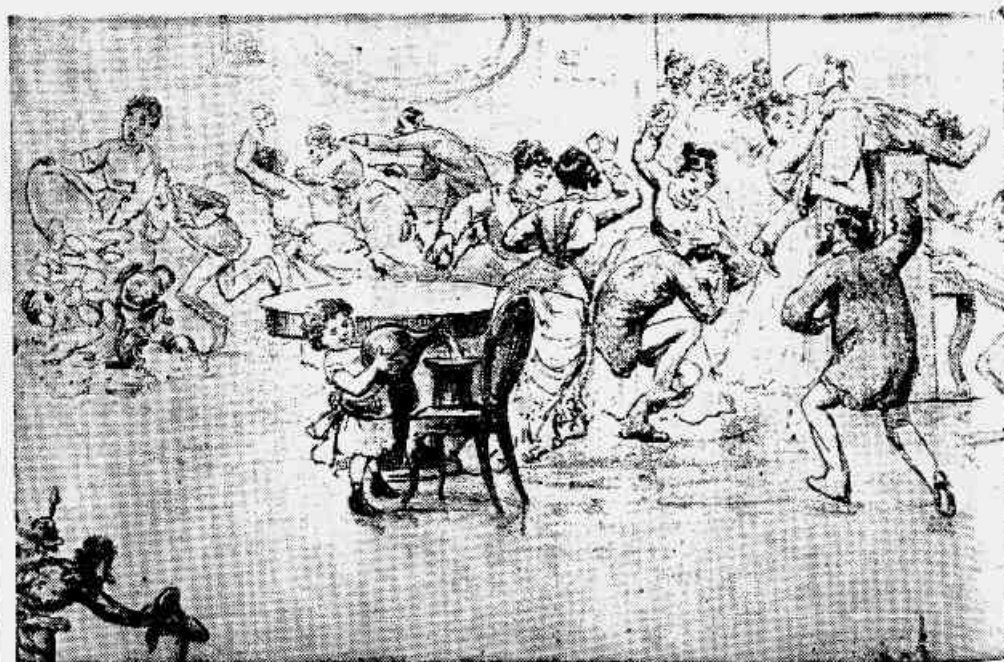
Para a ti mesma te enganares,
O' Colombina deslustrada,
foste Pierrot; e em início aos parcos,

davas o colo a mil olhares,
desabrochando em dupla rosa...

E aquela flor de essências vivas
tantas paixões desvencendo,
que, diante dela, os teus comócas,
todos, te ergueram mãos lascivas,
todos, Pierrot!

Nas cinzas desta quarta-feira,
dormes. Nas cinzas porvindouras,
teu corpo, em cinza quase, em póara,
dava mais cinza à quarta-feira
que com teu sangue molagrenta...

Pois não quiseste um beijo forte?
O beijo vivo... e te esfolhou...
Tinha de ser assim... E a sorte...
O Amor é cúmplice da Morte,
Morte, Pierrot!



Cena de entrudo numa casa de família, em 1880 (desenho de Angelo Agostini — "Revista Ilustrada")

O CARNAVAL - Graça Aranha

Alguns dias depois explode em baixo o carnaval. Maravilha do padeiro, encantamento do barulho. Zé pereira bumba, bumba. Fritas azucrinadas, zumbetam. Viola chora e espineteia. Meio-pia negra, melosa, feitiçeira, candombé. Tudo é instrumento. Flautas, violões, récos-récos, saxofones, pandeiros, latas, gaitas, e trombetas. Instrumentos sem nome, inventados subitamente no delírio da improvisação, do impeto musical. Tudo é canto. Os sons sacodem-se, berram, lutam, arrebatam no ar sonoro de ventos, vaías, klaxons e águas, estrepitosos. Dentro dos sons movem-se as cores, vivas, ardentes, pulando, dançando, desfilando sob o verde das árvores, em face do azul da baía, no mundo dourado. Dentro dos sons e das cores movem-se os cheiros, cheiro negro, cheiro mulato, cheiro branco, cheiro de todos os matizes, de todas as excitações e de todas as náuseas. Dentro dos cheiros o movimento dos tatos violentos, brutais, suaves, líbricos, meigos, alucinantes. Tatos, sons, cores, cheiros, que se fundem em gostos de gengibre, de mendonim, de castanhas, de bananas, de laranjas, de bocas e de mucosas. Libertação dos sentidos envolvidos das massas frenéticas, que maxilam, gritam, tresandam, deslumbram, saboreiam, de Madureira à Glória, na unidade do prazer desencadeado. Carnaval. Tudo efêmera-se. Glória de mulher. Ela, para ela e por ela. Invenção universal. Homens-fêmeas. Mulheres-machos. Retorno ancestral ao culto lunar, ao mistério noturno. Desforra da fêmea. Ressurreição das bacantes, das bruxas, das diabás. Missa negra, tragédia negra, magia negra. Triunfa a negra, triunfa a mulata. Música, fanfarra, préstito, maxixe, samba. No noturno da praça Onze, o negro e o castanho dominam os vermelhões das curas, das carnes, das máscaras e das vestimentas alacres, vibrantes. Automoveis e bondes falseiam, iluminam, enfeitam. Tudo aperta-se, roça-se freneticamente, gostosamente. Os ranchos cantores rompem a marcha colorida, esquentada. Os cheiros doidos alvorçam-se e embriagam. Para matar a sede dos cantadores, dos berradores, os refrescos de coco, os gelados de limão e abacaxi. Para a fome os bolos de negramini, pé de moço, alcaçar tapioca, manauê. África, Baía, Brasil, irrupção de benguelas, congos, carapinhãs, belçolas, ancas, peiturias. Sobre os corpos pretos a iluminação do ouro, da prata, das conchas e das roupas, de onde as cores saltam em delírio, amarelas, vermelhas, azues, verdes. Música de coreto. Bateria. Cantoria infinita, confusa, das bocas pretas, abismais. Melopéia plangente para palavras canalhas. Fura a imobilidade ondulante um grupo de baianas, dançando, cantando, saracoteando a grossa luxúria negra, farejadas, seguidas por girilas assanhadas, de boqueis compridos, tocando pandeiros, pulando, lascivos. As baianas cheiram a cravo, a baunilha e a fêmea. O mondrongunho também fareja, aspira, entontece, empalidece, suspira, exclama: — Se em Portugal houvesse baianas, eu não saia de lá.

As baianas suspendem as saias rodadas e dançam, nos requiebro das ancas, no arranco das umbigadas. A sensualidade é religiosa. O ritmo dos ranchos é sacerdotal. É o drama sacro, grave e profundo. Na base da magia, o culto. O Carnaval espiritualiza-se. No seu imenso manancial recebe as correntes das crenças, dos cultos, que se transformam em festas. Também aí dramatizam os cantos e as meódiás de todo o povo do Brasil.

Três crônicas sobre o Carnaval

(Continuação da pág. 81)

capam dos lucros e mais se envidiam com a morte.

É já estar um pouco dentro da morte o não sentir o contágio da alegria alheia.

Como quer que seja, são três dias inúteis a descontar no calendário dos trabalhos.

Os navegadores do Oceano Pacífico, para consertar o calendário comum, descontam um dia a que chamam o "dias non".

E, na realidade, temos que descontar, não um, mas três dias, arrancados à tristeza e à melancolia do tempo.

(Imparcial, 7-2-1931)

III

DEPOIS DO CARNAVAL

Pensei escrever no dia das cinzas esse "memento" do carnaval.

Triste como o arrependimento não me era possível senão dizer folices já serôdias e fora de lugar e tempo.

Mas pensei também que estava impossibilitado de ver o carnaval, entretanto pude ouvi-lo no rádio, nas canções que me entravam pelas janelas, no ritmo que enchia o ambiente.

Não vi, mas senti o carnaval. Falo pois de ouvido.

É já um favor dos deuses ter oima por essa alegria esquecida e longínqua.

Enfim, há recursos para um gramático sair de aperturas literárias.

O "carnaval", como as grandes festas, pode gabar-se de ter as suas origens na noite dos tempos.

As alegrias do homem das cavernas devia ter essa mesma desavoltura e o mesmo desequilíbrio do sentimento. Em camadas mais próximas e todavia bem antigas havia os bacanais e as saturnais com igual feição.

A rigidez dos costumes católicos criou esse desabaço contra o jejum por uma antecipação do "bonum gras". Não há mais carne. "Carnesale", adeus car-

nel e já na idade média a suspensão da carne definia-se pelas "carnesalências" do baixo latim, ou a "carneslavena" que encerrava o mesmo conceito.

A passar-se ao regime sobrio do peixe como no tempo do Senhor.

Era natural que o povo se entregasse ao delírio propiciatório da penitência.

O povo, porém, abusou muito. Nasceu a "festa dos loucos" que, com os seus tumultos, abalava a servidão medieval.

Começava o carnaval na epifânia, isto é, no dia dos reis magos e ameaçava não acabar.

A igreja reprimiu quanto pôde essa desordem e em Milão conseguiu Santo Ambrósio limitar a bacanal cristã aos três dias que precedem o dia de cinzas.

A restrição não diminuiu a violência, mas pôs um pouco de ordem na loucura tradicional.

Contudo o carnaval misturou-se a outras tradições, à festa dos loucos e ao simbólico "carro naval". E dizem os respeitáveis eruditos que se entregam a tais digressões que do "carro naval", "carrus navalis" é que vem o "carnaval".

Vem a expressão apenas, já se vê.

O "carro naval" era o navio dos loucos, o "Narrenschiff" como se dizia em Colônia, um dos focos carnavalescos, e tendia a simbolizar a navegação do Reino. O carro naval, que andava por terra, era bem um sinal de loucura.

Esse "carro" chegou até cá, saltando sobre o oceano, graças à tradição do "folclore".

O nosso "carro naval" já então adaptado a elementos africanos é exatamente celebrado no dia dos "Reis Magos", começo do antigo carnaval, pela festa das "chegancas", que ainda se vêem na Baía, em Pernambuco e em outras terras navais.

É uma festa de sincretismo religioso, meio cristã, meio bárbara, com que o carro pompeia pelas ruas comandado por um preto vestido de capitão de mar e guerra, cheio de alamares

penduricalhos e condecorações, dando ordem de ataques a fortins defendidos por outros pretos.

Disse-me um observador humorista e não linguista e obeso que o integralismo é uma espécie de "chegancas". Pura perversidade.

Não pode ser. A "chegança" é muito velha para ter prole e não tem feições vigorosas do modernismo. É popular, antiga e talvez agonizante.

O "carnaval", porém, não morre, ainda quando expirem os seus sócios de tradicionalismo.

A festa dos "loucos" acabou; a "chegança" está por pouco; mas o "carnaval" renasce como a Fenix.

Viva por todos os séculos! (Jornal do Brasil, 16-2-1934).

DOMINGO DE CARNAVAL

(Trecho de crônica)

CELSO VEIRA da Academia Brasileira

Que filósofo não fecha apressadamente o seu livro e não abre a sua janela de par em par, com alvoroço e estrepito, quando aparece o Carnaval pitagórico, mefistofélico e ressonante de guizos, "le Carnaval bariole", como dizia o joalheiro dos "Emaux et Camées", nesse domingo em que a loucura humana gargalha e pinoteia nas ruas, sob os disfarces mais bizarros ou mais burlescos? E se até o velho Faustó, solitário e abstrato, deixa as relortas e os hieroglifos à passagem da mascarada, com que avidez não corre o plúmbeo da sua coluna, ouvindo o estalido seco das castanholas, o argentino rujar dos pandeiros, o batucue atordoadas dos cordões e a algazarra da plebe em delírio? Corre sobrejaneira para assistir ao jogo das serpentina e dos confetes multicores, para ver a opulência das fantasias "à la diable" e a extravagância alegórica dos carros triunfais, ora semelhantes do conchas, grutas e rochas, numa evocação marinha dos deuses proscritos, ora exibindo em caricaturas audazes e críticas mortíferas as formas grotescas do nosso tempo.

Lento seria o andar do Progresso, enredado nos seus fios de arame e nos seus tubos de borracha se o Carnaval fosse apenas aquele dominó aristocrático, elegante, flexuoso, esse mistério perpasse e nos conturba, ou aquele Salan escarlate e negro, de chavelhas ponteadas e cauda enrodilhada ao braço. Outro não é, com efeito, o dos salões e dos teatros, onde reina ainda o mesmo farscoia insensato que, abandonando o guarda-roupa das cerimônias egípcias e gregas, subiu pela primeira vez, mascarado de urso, a escađaria do palácio de Carlos VI. Mas o Carnaval de hoje, o filho pródigo da civilização moderna, o Gavroche diabólico e sardônico da atualidade, recebeu no batismo o sal da trônia de Voltaire. Imprimiu jornais, organizou clubes, fez a crítica sutil dos costumes e dos indivíduos nera ^{presente} da polida e escândalo do burguês.

Nas travessuras e nas camadas do humorismo ninguém o excede, porque ninguém como ele, sob a diversidade dos aspectos, encarna os tipos de Molière, sublinha as frases cômicas de Brant. Os seus epigramas circulam de grupo em grupo, as suas anedotas voam de boca em boca, e a tristeza dos que muito riem, e o cansaço dos que muito saltam, não o impediram nunca de saltar loucamente e loucamente vir.



"As baianas suspendem as saias rodadas e dançam..." (Desenho de Oswald Goeldi)

O Bloco das Mimosas

Foi na véspera do carnaval que o sr. Brito, de...
— Boa tarde, sr. Brito!
— Boa tarde!

E como eu parasse para...
— O seu fogo, faz favor?

Estava ali há dois minutos...
— Mas, há uma outra razão...
— Mas, há uma outra razão...

Alas, há uma outra razão...
— Mas, há uma outra razão...

desacordo com o modesto cargo...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

trando-o, digo para mim mes-...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

que aprecio muito as suas me-...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...

— Sr. Brito, um vermute...
— Sr. Brito, um vermute...



"Foi um momento, levando a mão à testa. E então a montou-se na calçada..." (Desenho de Osvaldo Goelitz)

Borboletas — RIBEIRO COUTO

— Ah, elas organizaram bloco este ano?

— Alugamos um auto-camión, elas se lembraram do senhor, mas tinham perdido o telefone da sua pensão. E eu ia esquecendo, que cabeça! É o Bloco das Mimosas Borboletas. Então, vem?

— O bomde partia, campalando.

— Telefone para lá!

— Pulou isso correndo, querendo saltar a cabeça para mim e ao mesmo tempo preparar o pulo sobre o estribo. Pulou. Dependendo, com os emburruos lhe arrastando os movimentos, era sublime o sr. Brito. E o bloco virou a esquina da rua 531 José, levando a bondade, a ventura e o êxtase daquela pai. O Moraes, da rua da Misericórdia, estava na porta da Brahma, torcendo as bigodes.

— Devo tomar parte no Bloco das Mimosas Borboletas?

— Quarta-feira de Cinzas eu entrava tranquilamente num café quando o sr. Brito surgiu, autô. Quase nos abaloamos.

— Oh, sr. Brito! Vamos a um café?

— Sucedido-lhe o braço procurando envolver o pelo ombro. Ele tentou esquivar-se, esboçando uma reação frouxa. Insistiu com veemência e ele entrou afinal, sorrindo.

— Observa-lhe que o laço da gravata estava desfeito. Teve um gesto nervoso, apalpando o colarinho e o peito da camisa, como se aquilo lhe tivesse feito lembrar qualquer coisa desagradável ou dolorosa.

— Que recio de pensar o que ele iria dizer-me... Aquele deslize na gravata era significativo. Eu sabia que era Laila, a mais velha, quem lhe dava o tom, todas as manhãs. Ele ia dizer... Não, o sr. Brito dessa vez não disse nada.

— Então puxei conversa.

— Divertiu-se muito no carnaval?

— Deu de ombros, molemente, sem desânimo de vida. E, puxando um cigarro de palha do fundo do bolso do paletó, fez-me com os dedos trêmulos o gesto de pedir fósforos.

— Minutos escoaram-se. Não tínhamos assunto. Era mais prática nos despedirmos.

— Bem, sr. Brito, vou aos meus negócios.

— Sentiu-me pelo braço. Tive um choque. A revelação ia saltar.

— Passaram-se ainda uns momentos de silêncio. Perguntou-me, enfim:

— Por que não quis tomar parte no nosso bloco?

— Ora, sr. Brito, eu não sou carnavalesco. Acredite: não saí de casa os três dias.

— Pus-lamentel, lamentel muito a sua ausência.

— Ora, por que, sr. Brito?

— O senhor é um moço sério. Se o senhor tivesse vindo, olharia pelas minhas filhas.

— Sentiu um gosto e uma perda vontade de rir. Tive a impressão do ridículo e ao mesmo tempo de um vago drama palpável. As sobrancelhas do sr. Brito, um instante fitas em mim, moviam-se agora, acompanhando um tique nervoso de piscar, indicio de comovido.

— Muito agradecido pela confiança, sr. Brito. Porém, não sei se sou digno.

— Sei eu, sei eu.

— Comecei a ficar impaciente.

— Que houve de extraordinário, sr. Brito?

— Imagine o senhor que, ontem, último dia, como estivesse com os meus rins muito doloridos, não pude acompanhar as meninas ao carro. Sabe, os meus rins.

— Sei, sr. Brito.

— O bloco era grande, umas trinta pessoas. Enfim, havia o Gomes, da minha repartição. O Gomes com a senhora. Fiquei

tranquilo por esse lado e confiei-lhe as meninas. Sabe, os rapazes me pareciam distintos, mas nunca é bom confiar demais.

— Claro.

— Pois meu caro, não lhe conto nada: até esta hora as meninas ainda não voltaram.

— Oh, sr. Brito!

— O Gomes está abatido. Diz que não sabe como é que elas lhe escaparam das vistas.

— No rosto tranquilo do sr. Brito os olhos, sempre doces, falsaram de dor. As sobrancelhas tremeram-lhe.

— É verdade o que me diz?

— Des-graça-da-men-tel! Chui-lhe a cabeça sobre o peito, no desconsolo da comunidade. Não tendo o que dizer te lá um pouco arrependido de não haver tomado parte no bloco, mas por motivos inconfessáveis reuni todas as minhas côleras contra aquele Gomes.

— Porém, sr. Brito, esse sujeito, esse Gomes, é um patife!

— O sr. Brito fez com a cabeça que não, que o Gomes não era um patife. E disse devagar, com tristeza:

— A mulher dele também até agora não chegou em casa.

— Iamos pela rua cheia de povo barulhento e feliz.

— Sr. Brito, cuidoado com esse auto.

— Atravessamos.

— Eu tentava qualquer coisa em prol daquela dor:

— Sossigue. Elas dormiram com certeza em casa de amigas.

— Ninguém sabe delas.

— Paciência, sr. Brito, paciência. Talvez já estejam em casa, até.

— Barafustamos por um telefone público. Esperamos um momento até que d. Candinha tirasse a primeira e velha do sr. Brito, que criara as meninas, sem mãe, desde cedo, atendeu do outro lado do fio.

— Elas já chegaram? — rompeu o sr. Brito, com a voz gritada e comovida, ansioso da resposta.

— Largou o fone no gancho, sem ânimo.

— Vamos embora, doutor. Não apareceram! Não há notícias!

— E fomos para o "Jornal do Brasil". No balcão da gerência

o sr. Brito redigiu com letra tremula o anúncio: "Um conto de reis — Gratifica-se com um conto de reis a quem der notícias positivas sobre o paradeiro de duas moças que, ante-ontem, vestidas a século XVIII, tomaram parte no Bloco das Mimosas Borboletas, da Gávea. Dirigir-se à rua República de Andorra n. 7".

— O empregado do jornal pegou o anúncio, leu-o, teve um sorriso discreto e fez a conta.

— O sr. Brito pagou o anúncio e saiu.

Na rua teve uma idéia repentina.

— É verdade, onde vou buscar outro conto de reis?

— É a sua doce pessoa crispou-se de angústia.

— Aos nos despedirmos, ele queixou-se de uma dor de cabeça. Parou um momento levando a mão à testa. E, súbito, amontou-se na calçada. Eu não tive tempo de ampará-lo. Então, com esforço, suspendi aquela massa pesada. Pessoas que passavam me ajudaram. Estava morto.

Seu cadáver foi no automóvel da Assistência Pública para casa, depois das formalidades legais.

— Acompanhei-o.

— D. Candinha estava fazendo o jantar e veio ver quem batia, manca de reumatismo, limpando as mãos no avental. Espantou-se. Atrás dos olhos os olhos se esbugalhavam, sem compreender. Até que, como se lembrando, deu um grilo:

— As meninas! — e ergueu os braços exclamativos.

— E o sr. Brito, d. Candinha — intervi com calma. Está doente. Muito doente.

— O Jockelin! Pobre Jockelin! Que foi que aconteceu pro Jockelin!

— E pôs-se a limpar os olhos com o avental sujo.

— Entre as pessoas que velavam o cadáver, Gomes destacava-se pelo seu ar digno de homem ferido no seu amor próprio. A mulher desaparecera definitivamente. Suspeitava-se de um estudante de medicina, um certo Aristoteles, sergipano, um dos influentes do bloco.

Havia quem apertasse a mão de Gomes, com comovido, apresentando-lhe condolências. Dava a impressão de um parente. A fuga da mulher estabelecera entre ele e o defunto um laço confuso de família.

Gomes agradecia, com um lenço sempre encostado ao rosto.

— Pela madrugada entrou Cotinha, a filha mais moça.

Entrou pé ante pé. Ninguém lhe perguntou donde vinha nem porque vinha. Havia na sala apenas três ou quatro pessoas pobres da vizinhança, além de mim. Todas as demais — Gomes inclusive — se tinham retirado por volta da meia-noite. (Gomes explicou que estava abatido, precisava retirar-se, repousar). D. Candinha dormia lá dentro, numa cadeira de balanço da sala de jantar, vendida pelas agitações das últimas quarenta e oito horas.

Cotinha caminhou receosa para o meio da sala e atirou-se sobre o caixão. E chorou, chorou, acudida, como que se esvaando a repetição.

Quando acabou de chorar, veio para onde eu estava, toda encolhida como uma graminha, de olhos inchados e vermelhos. Apertou-lhe a mão que me estendeu e ficou em silêncio. Depois de uns minutos, como um sentimento surdo e talvez hostil nos impeliu a explicações, perguntou:

— E d. Laila?

— Não sei. (Deu de ombros, espichando o beigo num muchocho contrariado). Cada uma de nós foi para o seu lado. Fiquei estarecido.

— E a senhora do Gomes?

— Disse que ignorava também o destino da outra. Formosíssima! Eis o epílogo do Bloco das Mimosas Borboletas, no carnaval de 1922, na noite real cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro — pensei com os meus botões.

Depois Cotinha contou que soubera da morte do pai por acaso, porque passara de automóvel pela porta, com um senhor... E acrescentou tímida, rompendo o pudor:

— O senhor com quem eu estou.

Tive um baque. Era possível?

— Mas, d. Cotinha: que bicho morden as senhores, desse modo, de repente? Ficaram doídas?

Sacudiu os ombros, pondo as duas mãos nos olhos, como uma criança e chorando de novo:

— É a vida... Que é que o senhor quer?

As outras pessoas da sala olhavam-nos, a cochilar entre si. Sem dúvida faziam mau juízo. Talvez pensassem até que era eu a comparsa de Cotinha.

Um cheiro de flores pisadas e cera errava, aere. Um sentimento pungente me dominava, abafando uma vaga, uma impercível sensação de sarcasmo. As oito velas ardiam silenciosas em torno do caixão do sr. Brito, que tinha um crucifixo de prata à cabeça. Eu não conseguia ainda, até aquele instante, definir o meu estado de alma.

Parecia-me, profundamente, que qualquer coisa de cômico se insinuava por tudo aquilo. Talvez, porém, fosse engano meu, ruindade minha, tendência cruel do meu temperamento. No fundo, eu estava zorra com o que me rodeava: o sr. Brito, a filha que voltava, as pessoas pobres e imbecis da vizinhança, as oito velas, o cheiro de flores pisadas, a ideia do cavaleiro com quem Cotinha passara de automóvel, a ideia de Laila, a ideia de Aristoteles furtando a mulher do Gomes, a lembrança do anúncio que saiu de manhã no "Jornal do Brasil", o ridículo do Bloco das Mimosas Borboletas — tudo aquilo ainda não recebera uma forma definitiva no meu espírito.

Cotinha merecia umas borboletas?

O problema de saber se Cotinha merecia ou não umas borboletas me invadiu, súbito. Fiquei a remuer essa inspiração, como se ela encerrasse um alto valor poético ou filosófico. Eram quatro horas da madrugada.

Uma pessoa levantou-se, em bico de pé. Outra pessoa levantou-se também. Daí a um quarto de hora Cotinha e eu estávamos sós.

Ficamos nós dois, longo tempo, calados, olhando o sr. Brito.

(Continua na pág. 90)



Cena de entrada numa das principais ruas da cidade, em 1922 (Desenho de Angelo Agostini, "Revista Ilustrada")

ALGUNS POEMAS DO

EPIGRAFE

Ela entrou com embaraço, tentou sorrir, e perguntou tristemente — se eu a reconhecia?

O aspecto catavalezes lhe vinha menos do frangulho de fantasia que do seu ar de extrema penúria. Fez por parecer alegre. Mas o sorriso se lhe transmutou em rito amargo. E os olhos tinham bagos, como duas poças de água suja...

Então, para cortar o soluço que adivinhei saibido de sua garganta, puxei-a para ao pé de mim e, com doçura:

— Tu és a minha esperança de felicidade e toda dia que passa eu te quero mais, com perdida toçopia, com desesperação e angústia...

BACANAL

Quero beber! cantar asneiras
No cato brutal das bebedeiras
Que tudo embota e faz em caco...
Evoé Baco!

Lá se me parte a alma levada
No torvelim da mascarada,
A gargalhar em devido aspeito...
Evoé Momo!

Lacem-na toda, multicores,
As serpentina dos amores,
Cobras de lívidos venenos...
Evoé Venus!

Se perguntarem: que mais queres,
Além de versos e mulhete?...
— Vinhos... o vinho que é o meu fraco!...
Evoé Baco!

O altante rutilo da lua,
Por depolar a mata sua
Que me mimosa e que eu não domo!...
Evoé Momo!

A lira etérea a grande Lira!...
Por que eu extático deixo
Em seu loivar versos obscenos,
Evoé Venus!

A CANÇÃO DAS LAGRIMAS DE PIERROT

I

A sala em espelhos brilha
Com lustros de dez mil velas
Miríades de rodela
Multicores — maravilha! —

Torvelinham no ar que alaga
O cloretilo e se toma
Daquela mesclado aroma
De carnes e de bisnaga.

E rodam mais que confetti,
Em tarândulos quebradas,
Cabeças desassissadas
Por Colombina ou Pierrette.

II

Pierrot entra em salto súbito.
Upa! Que torça o alvaranta?
E enquanto a turba se espanta,
En-lo se roja em decúbito.

A tez, antes melancólica,
Brilha. A cara careta.
Canta. Toca. E com tal vela,
Com tanta paixão diabólica.

Tanta que se lhe ensanhamam
Os dedos. Fibra por fibra.
Toda a sua ressença vira
Nas cordas que se arrebanham.

III

Seu alande de platano
Mingre é que não se quebre.
E a sua fronte arde em febre.
Al dele! e os cuidados matam na

Al dele! que essa alegria,
Aqueles cânticos, aquele
Surto não é mais, al dele!
Do que uma imensa ironia.

Fazendo a cantiga louca
Doloroso contraponto.
Por dentro borbulha o pranto
Como outra vez de outra boca:

IV

— "Negaste a pele macia
"A minha linda paixão!
"E na entrega-la um dia
"Aos feios vermes do chão...

"Fiz por ver se te podia
"Amolecer, — e não pude!
"Em vão pela noite fria
"Devasto o meu alande...

"Minha paz, minha alegria,
"Minha coragem, roubaste-mas...
"E hoje a minh'alma sombria
"É como um poço de lástimas..."

V

Corre após a amada esquiva
Procura o precário ensejo
De matar o seu desejo
Numa carícia furtiva.

E encontrando-o Colombina,
Se lhe dá, lesta, a socapa,
Em vez do beijo uma tapa,
O pobre rosto ilumina-se-lhe!

Ele que estava de rastros,
Pula, e tão alto se eleva,
Como se fosse na treva
Romper a esfera dos astros!...

PIERROT BRANCO

Atrás de minha fronte esqualida,
Que em insónias se mortifica,
Brilha uma como chama pálida
De pálida, pálida mica...

Não a acendeu a ardente febre,
Al de "mim, da consumpção hética
Que esgalga até que um dia quebre
A minha careca enqética!

Nem a alumou a fantasia
Por velar de rubido pelo
Aquele agitação sombria
Que em pancadas de mau desejo

Tortura o coração afilto,
Sugere requintes de gozo.
Por conciliar — sonho infinito —
O andrógino miraculoso!

A chama que em suave lampejo
A esqualida tez me ilumina,
Não a aleou febre nem desejo,
— Mas um beijo de Colombina.

ARLEQUINADA

Que idade tens, Colombina?
Será a idade que pareces?...
Tivesses a que tivesses!
Tu para mim és menina.



"Bacanal", "Quero beber, cantar asneiras..." (desenho de Osvaldo Goeldi)

"CARNAVAL" — Manuel Bandeira

(Da Academia Brasileira)

Que exíguo o teu talhe! E penso:
Cambria pouca precisa:
Pode ser toda num lenço
Cortada a tua camisa...

Teus seios têm treze anos.
Dão os dois uma mancha...
E essa inocência incendeia,
Faz cinza de desenganos...

O teu pequenino queixo
— Símbolo do teu capricho —
E' dele que mais me queixo,
Que por ele assim me espicho!

Tua cabeleira rara
Também éia é de criança:
Dará uma escassa trança,
Onde eu mal me estrangularei!

E que direi do franzino,
Do breve pé de menina?...
Seria o mais pequenino
No jogo da pampolina...

Infantil é o teu sorriso.
A cabeça, essa é de vento:
Não sabe o que é pensamento
E jamais terá juízo...

Crês tu que os recém-nascidos
São achados entre as couves?...
Mas vejo que os teus ouvidos
Aidem... Pínges que não ouves...

Perdão, perdão, Colombina!
Perdão, que me deu na telha
Contar em medida velha
Teus encantos de menina...

PIERROT MISTICO

Torna a meu leito, Colombina!
Não procures em outros braços
Os requintes em que se atina
A voluptuosa dos meus abraços.

Os atletas poderão dar-te
O amor próximo das sevilas...
Se eu posso a ingênua arte
Das indefiníveis carícias...

Meus magros dedos dissolutos
Conhecem todos os afagos
Para os teus olhos sempre enxutos
Mudar em dois brumosos lagos...

Quando em êxtase os olhos viro,
Ah se pudesses, fútil presa,
Sentir na dor do meu suspiro
A minha infinita tristeza!...

Insensato aquele que busca
O amor na fúria dionisiaca!
Por mim desamo a posse brusca:
A voluptuosa é cisma elegiaca...

A voluptuosa é bruma que esconde
Abismos de melancolia...
Flor de tristes pântanos onde
Mais que a morte a vida é sombria...

Minha alma lírica de amante
Despedaçada de soluços,
Minha alma ingênua, extravagante,
Aspira a deshoras de brucos.

Não às alegrias impuras,
Mas a aquelas rosas simbólicas
De vossas ardentes ternuras,
Grandes mistérios melancólicos!...

PIERRETTE

O lento hiperestesia
O ritmo tarde de meu sangue,
Sinto correr-me a espinha langue
Um calefrio de histeria...

Gemem ondinas nos repuxos
Das fontes. Faunos aparecem.
E salamandras desfalecem
Nas sarças, nos braços dos brucos.

Corro à floresta: entre miríades
De vagalumes, junto aos troncos,
Gênios capripedes e brucos
Estrupram virgens hamadriades.

Ergo olhos súptiles: e vejo,
Ante as minhas pupilas tonas,
No sete-estrela as sete pontas
De sete espadas de desejo.

O sexo obsidente alucina
A minha indole surpresa:
As imagens da natureza
São um delírio de morfina.

A minha carne complicada
Espicada em voluptuoso ardil,
Alguem que tenha a alma sutil
Decadente, degenerada!

E a lua verte como uma âmbula
O filtro erótico que assombra...

Vem, meu Pierrot, ó minha sombra
Cocainomana e notâmbula!...

RONDO DE COLOMBINA

De Colombina o infantil borzegum
Pierrot aperta a chorar de saudade.
O sonho passou. Traz maguado o rim,
Maguado a cabeça exposta à umidade.

Lavou o orvalho a alvaiade e o carmin.
A alva desportou. Dói-lhe a claridade.
Nos olhos tristes. Que é dela?... Arlequim
Levou-a! e dobra o desejo a maldade
De Colombina.

O seu desencanto não tem um fim.
Pobre Pierrot! Não lhe queiras assim.
Que são teus amores?... — Ingenuidade
E o gosto de buscar a própria dor.
Ela é de nós?... Pois aceita a metade!
Que essa metade é talvez todo o amor
De Colombina...

O DESCANTE DE ARLEQUIM

A lua ainda não nasceu.
A escuridão propicia aos furtos.
Propicia aos furtos como o meu,
De amores frívolos e curtos.

Estende o manto alcegaiteiro
A cuja sombra, se quiseres,
A mais ardente das mulheres
Terá o seu único parceiro.

Ei-lo. Sem glória e sem vintem,
Amando os vinhos e os baralhas.
Eu, nesta veste de retalhos,
Sou tudo quanto te convém.

Não se me dá do teu recato.
Antes, pulido pelo vício.
Sou fácil, acomodatório.
Agora beijo, agora bato.

Que importa? no manto o teu ser
Ao meu aneto corrupto

Esquecerá por um minuto
O pesadelo de viver.

E eu, vagabundo sem idade,
Contra a moral e contra os cédigos,
Dar-te-ei entre os meus bracos prodígos
Um momento de eternidade...

DAMA BRANCA

A Dama Branca que eu encontrei.
Faz tantos anos.
Na minha vida sem lei nem rei.
Sorriu-me em todos os desenganos.

Era sorriso de compaixão?
Era sorriso de zombaria?
Não era mofa nem dó. Senão,
So nas tristezas me sorria.

E a Dama Branca sorriu também
A cada júbilo interior.
Sorria como querendo bem.
E todavia não era amor.

Era desejo? — Crede! De tiscos!
Por histeria... quem sabe lá?...
A Dama tinha caprichos físicos.
Era uma estranha vulgívaga.

Ela era o gênio da corrupção.
Tábua de vícios adulterinos.
Tivera amantes: uma porção.
Até mulheres. Até meninos.

Ao pobre amante que lhe queria,
Se lhe furtava sarcástica.
Com um perjurio, com outros traí.
Com outros má.

— A Dama Branca que eu encontrei.
Há tantos anos.
Na minha vida sem lei nem rei.
Sorriu-me em todos os desenganos.

Fosse constância de anos a fio,
Sutil, caplara-me. E imagina!

(Continua no próximo seguinte)



"Canção das lágrimas de Pierrot: 'Pierrot entra um solto súbito...' (desenho de Oswald Goeldi)"

O BLOCO DAS MIMOSAS BORBOLETAS

(Continuação da pág. 37)

Por duas vezes Cotinha soluçou:

— Coitado do meu palzinho! Por outras duas vezes suspiro:

— E Lala que não sabe de nada! Que horror!

Cloridades pálidas do dia nascente entraram vagarosas pelas janelas. Um torpor me tomou. Cotinha chorava agora encolada a mim.

O barulho do primeiro bonde, que vinha vindo longe, me ergueu na cadeira. Cotinha encostou a cabeça ao espaldar, fatigada, humilhada, amarratada, sem vultor e sem destino, como uma pobre coisa.

Para vencer o torpor, tomei a deliberação de sair, de andar. Foi olhar então, de perto, o meu defunto amigo, o meu campo de observações e de conquistas psicológicas, o meu infeliz Jocelino de Brito e Souza. O rosto estava calmo, como a sorrir. As sobrancelhas peludas continuavam agressivas, enérgicas, na fisionomia doce, doce para todo o sempre. Aquela massa humana estava agora liberta de pensar no Moraes da rua da Misericórdia.

D. Cotinha, até logo, à hora do enterro.

Ela veio até a porta da sala, que dava para uma área. Levantou a gola do paletó por causa do frio da madrugada.

Estendi a mão para Cotinha. Encarei-a com piedade e reverência: gordinha, moreneta, um leve burro enegrecendo-lhe o lábio superior. E irresponsável, camaradista, fácil, derrotada nas suas vaidades de princesa de arrabalde por aquele complicado drama de fuga e morte.

Ochando-me a fito, vi nos olhos dela a recordação da vida já antiga: o far do ar, Brito, os domingos de visita ou passeio com outras pessoas que frequentavam a casa, os projetos ambiciosos de boas casamentos, o luxo, a comodidade cotidiana de uma situação de respeito e prazer. Agora, tudo acabado, para nunca mais!

Desabei a chorar sobre o meu ombro: que era muito infeliz, que ia sofrer muito, que não sabia como perdê-la a cabeça, que agora estava perdida que queria morrer também...

Consolei-a como pude, segurando-a pelos pulsos. Dei-lhe o conselho de mandar procurar Lala (ela devia suspeitar, pelo menos suspeitar onde estivesse a irmã) e despedi-me rápido.

A rua! A rua deserta, vazia, livre, para os meus passos e para o meu rumo! Corri por ali agora, corri para alcançar o bonde e para desentorpecer. E enquanto corria levava a sensação de fugir a uma coisa fascinante e ameaçadora, de que eu me libertava enfim... uma coisa suave e horrenda que não poderia mais acontecer na madrugada pura do arrabalde...



*Ronda de Coronhada. O seu desencanto não tem fim... (Desenho de Osvaldo Goeldi)

Alguns poemas do Carnaval

(Continuação da página anterior)

Por uma noite de muito frio
A Dama Branca levou meu pai.

SONHO DE UMA TERÇA-FEIRA GORDA

Eu estava contigo. Os nossos dominós eram negros,
le negras eram as nossas máscaras.
Iamos, por entre a turba, com solenidade,
bem conscientes do nosso ar lúgubre

Tão contrastado pelo sentimento de felicidade
que nos penetrava. Um lento, suave júbilo
que nos penetrava... Que nos penetrava como uma
espada de fogo...
Como a espada de fogo que apunhalava as santas
texturas!

E a impressão em meu sonho era que se estávamos
Assim de negro, assim por fora inteiramente de
negro,
— Dentro de nós, ao contrário, era tudo claro e
luminoso!

Era terça-feira gorda. A multidão inumerável
Borborinhava. Entre clangores de fanfarra
Passavam prestílios apoteóticos.
Eram alegorias ingenuas, ao gosto popular, em
fem encinas, empoleiradas, mulheres de má vida,
De peitos enormes — Venus para calças.
Figuravam deusas, — deusa disto, deusa daquilo,
Já tontas e seminuas.

A turba, ávida de promiscuidade,
Acotovelava-se com algazarra,
Aclamava-as com alarido.
E aqui e ali virgens atiravam-lhes flores.

Nós caminhávamos de mãos dadas, com solenidade,
O ar lúgubre, negros, negros...
Mas dentro em nós era tudo claro e luminoso!
Nem a alegria estava ali, fora de nós.
A alegria estava em nós.
Era dentro de nós que estava a alegria,
— A profunda, a silenciosa alegria...

FORMA DE UMA QUARTA-FEIRA DE CINZA

Entre a turba grosseira e fútil
Um pierrot-doloroso passa,

Veste-o uma túnica inconsútil
Feita de sonho e de desgraça...

O seu delírio manso agrupa
Atrás dele os maus e os basbaques.
Este o indigita, este outro o apupa...
Indiferente a tais ataques,

Nublada a vista em pranto inútil,
Dolorosamente ele passa.
Veste-o uma túnica inconsútil,
Feita de sonho e de desgraça...

EPILOGO

Eu quis um dia, como Schumann, compor
Um Carnaval todo subjetivo:
Um Carnaval em que o só motivo
Fosse o meu próprio ser interior...

Quando o acabei, — a diferença que havia!
O de Schumann é um poema cheio de amor
E de frescura, e de mocidade...
E o meu tinha a morta mortacura
Da senilidade e da amargura...

— O meu Carnaval sem nenhuma alegria!

CARNAVAL

GILBERTO
AMADO

Enquanto a Avenida estron-
gava no retumbo do zabumba
na grande esplanada que
dominava o que vai ser a pa-
tenteada esta semana — eu, as-
sentado num "bar", tinha ao
meu lado dois homens que con-
versavam discretamente. Um
deles, era um adolescente gla-
dio, todo expandido numa fres-
cura de face rubra, os cabelos
de ouro tenro, enrolados em
cachos abundantes. Nos lábios
forjes, e riso mais jovial. Era
jovencão, iluminado numa ra-
diação de saúde, gracioso de
gestos. Os seus olhos, quase in-
visíveis, sorriam magnificamen-
te. Ao seu lado, um velho baio-
to, com uma fisionomia meio
sarcástica, os lábios frouxos e um
comeco de ventre audacioso —
ele também, confidenciando as
adolescentes coisas misteriosas.

Quando me sentei a uma me-
sa de desconhecidos era porque
não havia gerador, lugares va-
zios; o "bar" transbordava e
tudo ele compato de gente, for-
mava como um indivíduo so-
monstruoso e convulso, a gri-
lar. O adolescente e o velho
pareciam contemplar gostosa-
mente a alegria do povo.

Serviram-me um "chopp", e o
velho, que sorria volutuosamen-
te ao claro vinho de França —
fez um momo de repulsa ante o
meu copo que espumava, en-
quanto o moço, com a indigna-
ção pintada no rosto, comenta-
va com ele em voz baixa:

— Veja você, dizia, um povo
tão interessante, e que parece
dizem da simpatia dos deuses, a
suavidade, uma doçura, uma so-
fisticação e mal cheirosa... Decidi-
doumente estes bárbaros da
Alemanha estragam o mundo...

E ao dizer tais palavras, en-
tornou gulosamente o fino copo

do vinho claro de França, que
gruguelou, sonoro na gargan-
ta. O velho tonteava já numa
borracheira nascente; mas o
jovem, cada vez mais iluminado
sorria para a multidão. Eu vi
que, quando pegava o copo, os
seus dedos tinham uma trans-
parência sobrenatural.

Num instante, por um mila-
gre, tive a revelação: reconheci
o grande Dionísio, Baco, o deus
do vinho, o amigo da alegria, o
criador...

— Sileno, meu velho, és tu —
disse eu, comovido, para o gri-
salho borracho de lábios indol-
gentes...

E o deus, com um grande sor-
riso e um gesto amarel, tendo-
me logo deixado a cômodo —
entramos a conversar tranquil-
amente. Antes de tudo, estran-
hei que Baco estivesse vestido
tão contemporaneamente com
um lindo paletó claro e que Si-
leno de chapéu Chile e sapato
Clark não revelasse constran-
gimento.

— Nós somos gente que nos
adaptamos a todas as civiliza-
ções e a todas as idades.

Baco tentou provar a cerveja,
focando no meu copo o seu lá-
bio divino. Fez uma careta e
cuspiu o gole, ruidosamente, en-
fastiado.

— Sileno provou também, fez
careta, mas engoliu. Peste de
bebida!

Baco, então, lamentou que es-
tes pastos raios, estas monu-
mentais montanhas, estas ter-
ras do Brasil não fossem ilus-
tradas dos vinhedos sagrados e
que a influência dos bárbaros,
que cultivavam deuses hedion-
dos, não fudo tivesse penetra-
do entre nós que nos impelira-
se até a garapada biliosa e gor-

da que eu bebia. E Baco deso-
lta-se. Levantando o braço, de-
monstrava imamente, jalone: — só
o vinho é divino; só ele é que eu
abencoo, só ele anima a imagi-
nação e cria... Graças a uva é
que os gregos fizeram as está-
tuas, fizeram as tragédias, fize-
ram os templos e ofeceram os
cantos dionisiacos, que tão gra-
tos me foram no tempo em que
Zeus meu pai augusto, troava
no céu.

Sileno, a esse tempo, com o
olho ricioso, cocava uma aflu-
ta de mulher na multidão re-
demoinhante... E com o lábio
húmido, o gesto trémulo, cor-
tando a apoloia do vinho que
o deus enfiava, disse:

— Essa mulher copia o mode-
lo de algumas sacerdotizas ro-
manas, senhor; noto, porém, que a
sua face tem um brilho deman-
diado forte. Ah! estes são tropi-
cais... Entretanto, eu e Ba-
co discutiamos:

— Filho de Zeus e de Semele
tenho por ti um respeito reli-
gioso; a minha piedade reco-
nhece-te no meio dessa multi-
dão desconhecida: eu te amo.
Tu és para mim o único dos de-
uses que não se desmoralizou
ainda. Mas não te escandalizes,
se eu contestar em parte a
tua opinião divina. O vinho,
convenho, é a grande força; foi
criado por ti para dar alegria
ao mundo e nutrido por ele é
que Anacreonte celebrou para
sempre inegalavelmente

através dos séculos — a virtu-
de do prazer. Mas se permites,
eu te demonstrarei, divino se-
nhor, que houve povos que se
fizeram grandes e houve ho-
mens que se tornaram dignos de
ti, bebendo cerveja. Tu os
amaste e os encheste da tua sa-
grada: eles viram a belezza que
tu rezelaste um dia sobre as

ondas, perto das praias, naque-
le naufrágio maravilhoso de
onde salvaste, salvando-te, a
alegria do mundo.

Baco, meio desatento, pedi-
me que lhe mostrasse a multi-
dão. Neste instante, a Aveni-
da transbordava; e entre o ru-
mor das carruagens, a gritaria
humana desconhecida e de mil
sons superior a idéias das vozes
de todos os animais do mundo
reunidos, incluíste o homem:
urros de louro, cacarejar de ga-
linhas; rinchos, roncões, regou-
gos; silvos, trilos; guatados,
gramados; gargalhadas, tudo
em conjunto fundindo no barul-
ho ensurdecedor. Um cheiro
aer de eter embriagava. Com
dificuldade conseguimos romper
a multidão para tomar o auto-
movel; notei que Baco não la-
mentou, sensivelmente instalou-
do nessa viatura, o seu divino
carro a oito rodas e que Sileno,
nem se lembrou sequer da pla-
cidade pacífica do seu burro. O
auto fonfoneava de balde; tive-
mos que ficar parados.

Baco, contudo, estava frio; a
multidão desagradava-o ou o
deus estava embestado em pen-
samentos graves ou nostálgias
profundas?

Sileno, ao contrário, conta-
plado do prazer, trocava bisna-
gadas com as mulatas que pas-
savam, arrastando os pés nos
ranchos.

A multidão engrossava. Num
instante a onda creceu.

Após um silêncio, Baco mur-
murou para mim:

— Ah! meu amigo, este povo
não ama os verdadeiros deuses.
É uma multidão bárbara, mul-
to misturada.

— Espanta-as, filho de Seme-
le e senhor incomparável. Este

é o teu povo, és o único deus que
ele adora verdadeiramente. Ao
contrário do que pensas, este é
o único povo que verdadeira-
mente realita o teu culto. Os
outras povos que tu conheste
não te louvavam com religião
como aqui; só esta gente te ado-
ra verdadeiramente com êxtase,
com delírio, com a embriaguez
antiga.

E isto porque, Dionísio, tu és
o único que não a traste aluda.
Sileno aplaudia-me. E olhava
cuidoso as mulheres que passa-
vam.

— Tu deves lembrar-te, disse
eu para Baco, que ainda melon-
colicamente contemplava a ci-
dade iluminada, os fachos que
subiam da Avenida e levavam
para o céu o esplendor ornuco
da noite, tu deves lembrar-te de
que estás um deus bárbaro; de
paletó e chapéu de palha, bo-
calmente. A multidão quisera
ver-te como antigamente de
pernas nuas, cobrado de pan-
puros, no teu ridículo belezza.

— Revela-te, senhor, exortou.
Sileno, doido por cair de todo
na pândega.

Baco continuava triste, mas,
subito, me apareceu, interesti-
mente que transfigurado eu
vi na sua cabeça o panpa-
no sagrado, vi o seu lindo tron-
co de adolescente gladio, aten-
tado na noite, na fulguração da
nuidez divina. Sileno, cêrio, ur-
rou a aclamação sagrada; mas a
multidão não o ouviu. Eu me
ergui no automovel, alcei o bra-
ço, para proclamar: — povo de
minha terra, ei-lo; o deus que
adoras; o filho de Semele e de
Zeus, Dionísio, o único deus que
se conserva fiel à tua honra e
ao teu culto. Conquanto, pelo
seu poder divino, esteja sempre
presente, ele veio de longe ge-
nerosamente dar agora com a sua
presença real a oferta maravi-
lhosa da alegria.

Mas a revelação já se tinha
feito. Era meia noite, hora pro-
pícia.

A multidão, tanta do fluido
que emanava do deus, delirava.
Eu o vi de pé no automovel,
dominando-a, transfigurado e
benemerito, redimindo-a de to-
das as tristezas e expalhando
com a sua augusta presença um
consolo ardente.

E eu o sandei, comotido:
— Bendito sejas tu, adoles-
cente rubro; bendito sejas, atra-
vés dos séculos; bendita a Gré-
cia, que te nutriu entre as mon-
tanhas; bendita a senescronhi-
ca de Júpiter naquele instante
bíblico em que ele te comuni-
cou a Semele.

No entusiasmo, meio tanto na
exaltação geral, larguei os bra-
ços para o abraçar e o beijar
nas faces puras.

Maravilhosamente, Baco ti-
nha desaparecido, dinamicara-
se na multidão.

E ele é o deus da semana que
hoje começa.

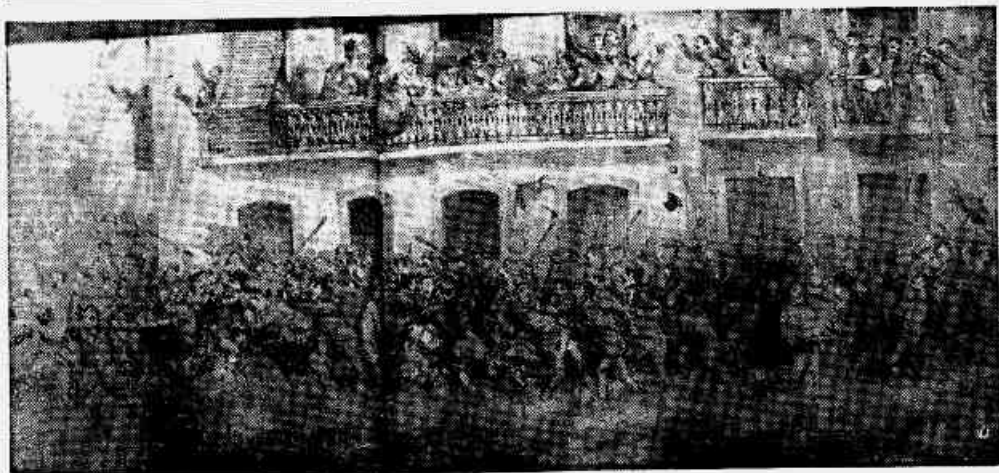
Todo o povo, graças a ele, vai
urrar, vai saltar, vai extrair o
estômago, vai constipar-se, vai
criar o "char-se", isto é, vai di-
verter-se. Vai-se pagar de um
ano inteiro de mazurice e faci-
turnidade.

A multidão, cheia do Baco in-
visível que se dispersara nela,
gesticulava louca.

Sileno, agora, livre da presen-
ça do deus, fazia tropelias, tro-
cava bisnagadas, cambaleava de
propósito para melhor sentir
contactos bíblicos.

— Velho vicioso, não conspur-
ques a alegria; não macule a
claridade da que Baco espalha
pelo mundo...

E, vagueavam arripas, guita-
lhando, batucando, e de todos
os pontos da cidade, surto, rou-
co, marcando o ritmo bocanal
— o retumbo turco do zabum-
ba...



O Carnaval na rua do Ouvidor (desenho de Angelo Agostini — "Revista Ilustrada", 1934)



Concurso carnavalesco com empelo entre Democráticos e Federais (desenho de Angelo Agostini — "Revista Ilustrada", 1938)

Filmagem do Carnaval Noturno -

D. MILANO
(Especial para)
AUTORES E LAYERS

Nosso povo tem seu dia. Não é o 13 de Maio, nem o 14 de Julho. É o carnaval. Bombo, pandeiro, chocalhos, cuicas, violões, flautas, clarins. Montões de serpentinas e "confetis" rolando pelas ruas. Tem-se a impressão de que o dinheiro rola pelo chão. Bandas de música em coretos ornados de folhagens. O povo respira livre.

Negras que são as mulheres ma e cheirosas do mundo, morenas que desprezam as gentes, brancas que valem fortunas, misturam o odor de três carnes ardendo no mesmo fogo. Grupos a vares rascando no récoreo à marcha canajha; blocos de negros suando pintados batendo pandeiros, chocalhos.

Aqui o povo faz toda as baianas de mãos nas cadeiras rodando da cintura pra baixo até o chão. Atenção. Só se escuta o barulho dos chocalhos. A baiana se estorce, se contorce toda.

Todo mundo quer ver. Empurra, discussão, socos, bofetadas. Cai fora, pessoal! Vem a polícia! — Que é que há? — Não há nada...

Passa um cordão no meio do povo. O tempo rotundo do bombo retumba, cuicas caticando um batecum macabuzado de macumba. Gíros lentos de estandartes, bamboleios de lanternas de cor. A grande coloração do riso do fogo. As pastorinhas evoluem como andorinhas. Homens de todas as cores entoam cantos em coro. Fantasias que são fantasmas de outros tempos, aparições das Mil e Uma Noites, Aladino balisa, Simbad capoeira, Sheerazade mulata, odaliscas negras.

"Evoé Momo, é hoje! Deus queira que não chova. A ornamentação interna da Caverna dos Tenentes do Diabo simboliza uma viagem ao Polo em chamas. Bombástico, mirabolante,

rocamboloso, babélico, ambiduo, Baile da Vitória. A Junta Governativa do Clube pede Ordem, Harmonia e Amor, sem os quais não há verdadeira alegria. Virgens, sambal, ninfas, rebolal, Hurra, viva a mulher rubro-negra, deusa nua, estandarte da loucura, mastro do gozo! A mulher, divertimento de um dia... Luta por elas, homens, semideuses, Vulcões, Saturnos...". Toda a Grécia posta no ridículo.

O povo todo é uma só onda e um só rumor. Encontros, apertões, Escândalo de caras sem vergonha. As mulheres feias não fazem sucesso. As sérias não devem sair no carnaval. Quem não quer brincar fica em casa. Palavrões saltam de ouvido a ouvido, de nada vale o aviso da Polícia. A polícia não pode prender todo mundo. — Não empurra! — Toca o bonde! — Não empurra! — Quem

é que está empurrando? — O senhor está bêbedo? — Eu, minha senhora? — Foi o senhor mesmo. — Protestos de todo lado. — Cai fora! Quê, quê, quê! O que eu quero é gozar! Olha a frente! — Maxilhando no meio do povo a mulata mostra as suas qualidades. — Abre alas, pessoal, que eu vou passar! — O pedaço, quase nua! — Protesto contra essa imoralidade! — Cala a boca, burro! — Que falta de educação! — Melo-lhe a mão na cara! — Você é besta! — A polícia está prendendo gente! — Por que? — Não sei! — Isso é um abuso! — Não pode! Não pode! — Os soldados de cavalaria praticam violências. — "Meus senhores! Feço a palavra..." — O moço, olhe as famílias! — O que? As famílias? Não há mais famílias no mundo, acabaram-se as famílias. E' tudo uma família só. Sua mãe é minha tia, sua irmã é... A bofetada estalou, copos, garrafas, cadeiras, chapéus, braços, pernas, cacos espalhados. Formou-se um bo'ê de gente. Levaram o preso de rastos pelo chão. — Ah, ah, ah, ih, ih, ih! Caceruê! A onda de povo brinca de empurrar. As mulheres vão na onda. U, não belisca! Gritos, ataques histéricos, contrastando com as lâmpadas elétricas e os berros alegres. Beleza física da falta de moral. Cheiro de éter, fúfios de "confetis". Toda a gente transformada em palhaços, índios, piratas, marinheiros, malandros. As mulheres são princesas encantadas, aparições envoltas de beleza, pedaços de luz de corpos nus. Riquezas do fundo do mar vistas em sonho. O ar que se respira é ouro em pó. Sufocações de luz. Não há beleza como a artificial! A rua parece a enchente de um rio. Soa ao longe um toque de clarim. A multidão se comprime. O momento é sublime. Espanto da tragédia culminante. Toda uma multidão conciente da sua loucura. Quem quiser acredite na razão, eu acho que nós todos somos loucos. Os loucos tem razão. Viva o carnaval. E' a vida. A alegria me dá tristeza. Isso acontece com toda a gente. Não sabemos o que queremos, somos loucos. O carnaval é a maior de todas as loucuras. Eis a única razão

do carnaval. Vejo um menino chorando perdido dos pais no meio da multidão. Por que me perdi neste mundo? Que coisa sem explicação. Atravesso a céu reflexos luminosos. A noite fica mais clara. Soa longínquo como um galo na aurora o canto alegre e triste do clarim.

Aproxima-se uma grande procissão luminosa lentamente, num passo monumental de mastodontes. Cavalos espumantes abrem passagem entre a multidão. Antorchas, facho, penachos, plumagens, fogareis. O préstito abre alas. Guarda o honra de escravos etíopes, capacetes, lanças, escudos. Uma banda de música toca a marcha da Aida. Vem um carro alegórico numa chuva de luz artificial. Um tronco fosforescente simbolizando a Arvore do Mal com mulheres artisticamente penduradas no alto dos galhos, abertas como as estrelas da noite. Uma cobra dourada enrola-se no tronco. Uma teia de fios luminosos vela o carro temente de vidrilhos num relógio lubrico de orvalho.

Os carros de carnaval passam cantando. Agora é preciso suspender os fios de electricidade para dar passagem a um carro colossal. Basta apocaliptico em sete cabeças em leque representando os sete pecados mortais as goelas abertas mostrando a dentes cruéis, acesas por dentro com luzes vermelhas. A Caverna do Inferno, onde impera o Demônio-Mulher, senta num trono, no cimo do carro, a mão esquerda segurando um tridente e a direita distribui beijos à população carioca. — Salve! Becha o préstito um dabo encarnado com uma taboleta pregada no rabo: SIAU.

O delírio é indescritível. Brasielros, vocês hão de ter mudado do carnaval. Filhos da brasileiros, vocês hão de ter a saudade atávica do carnaval, na era longínqua em que não era for mais que uma página bárbara, um samba infernal, na noite imemorial do tempo extinto. Estranha festa. A que uma vez se perdeu em ta atmosfera de sonho, como um personagem fantástico, nunca mais lhe sairá dos ouvidos o teu clamor de epopéia.

CARNAVAL - Humberto de Campos

Os dois réprobos haviam sido postos fora do Eden naquela manhã, e ainda se sentia no ambiente calado o reflexo do espantoso acontecimento. As masas para trás, a testa ainda franzida pela cólera, a barba ainda tremula de indignação, Jeová percorria as alamedas do Paraíso terrestre examinando a obra nefanda dos dois amaldiçoados. Ao vê-lo, os animais que ele próprio criara resnavam com ferocidade. Olhos de lígrea faiscavam na sombra das muitas surtigadas de espinhos. Auroques escaravam a terra, turvando o ar leve e inocente com as nuvens da poeira levantada. Cada bicho, e cada planta, e cada ave do céu tinha um grito de ódio à passagem d'Aquêle que o arrancara do limo do Eufrates.

De súbito escuta-se um fofo baúlido de asas, que desce, agitando o vento. E' o Anjo encarregado de expulsar os dois pecadores, que repressava, trazendo ainda a mão de neve a espada de chuma com que executara a terrível determinação do Senhor. Ao vê-lo pairar a altura do solo, Jeová detém-se. E, a voz severa, indaga:

— Levante-os tu, Azazel, para além das portas que te assinala?

— Level-os, Senhor, vi-os desaparecer ao longe, queimando os pés na areia flamejante do Deserto.

— Tomaste-lhes os frutos e a água, para que padecessem a sede e a fome, e para que os conquistem com as suas próprias mãos?

— Nada levaram eles, Senhor, para a sua sede ou para a sua fome.

— E arrancaste-lhes, como te ordenei, a pele do rosto?

— As tuas ordens foram cumpridas, Senhor. Aqui tens a pele do rosto dos dois proscritos.

E apresentou a Jeová a pele, íntegra, de dois rostos humanos, um de homem, outro de mulher. Era a pele do rosto de Adão e do rosto de Eva. E tão nitidamente reproduziam a fisionomia dos dois condenados que um grande vento arrepiou as árvores, e os animais, tomados de pena, e de terror, gemeram, urramam surdamente, por toda a vastidão do Paraíso.

A punição havia sido, em verdade, vigorosa demais. Na sua sabedoria e na sua onisciência, havia o Onipotente mandado arrancar ao primeiro Homem e à primeira Mulher a pele inteira com a forma de seu semblante. Era preciso que, expulsos do Eden, eles se não reconhecessem mais, como haviam sido na realidade. Mas a

pena fôra tão terrível que causara horror, mesmo aos Arcanjos.

— Mas, Senhor — pergunta Miguel, cujos olhos brilham mais que as suas armas fulgurantes; — os misérras não tornariam, acaso, nunca mais, a sua feição primitiva? O Homem e a Mulher terão de apresentar-se, eterno, um ao outro, com a mentira na face e no coração?

— E' o seu castigo.

— Senhor, permite que o teu servo te lembre, então, um meio de levar aos culpados a idéia do arrependimento. E para que eles se arrependam, é mister que tenham a noção da ventura perdida.

Jeová fixa o chefe dos seus exércitos, vencedor dos anjos rebeldes, e este continua:

— Para que o Homem e a Mulher saibam o que perderam trazendo-te, permite-lhes, Senhor, que eles sejam, em determinada época de cada ano, aquilo que eram antes do pecado original. Deixa que reconquistem a primitiva liberdade, que reproduzam na terra sem

encanto a vida solta do Paraíso, e, retomando por alguns dias a pele do seu rosto, retomem com ela os instintos e os sentimentos que os tornavam, na sua inocência e na liberdade, felizes e alegres no Paraíso.

— Tem piedade dos proscritos, Senhor! — gritaram os Anjos.

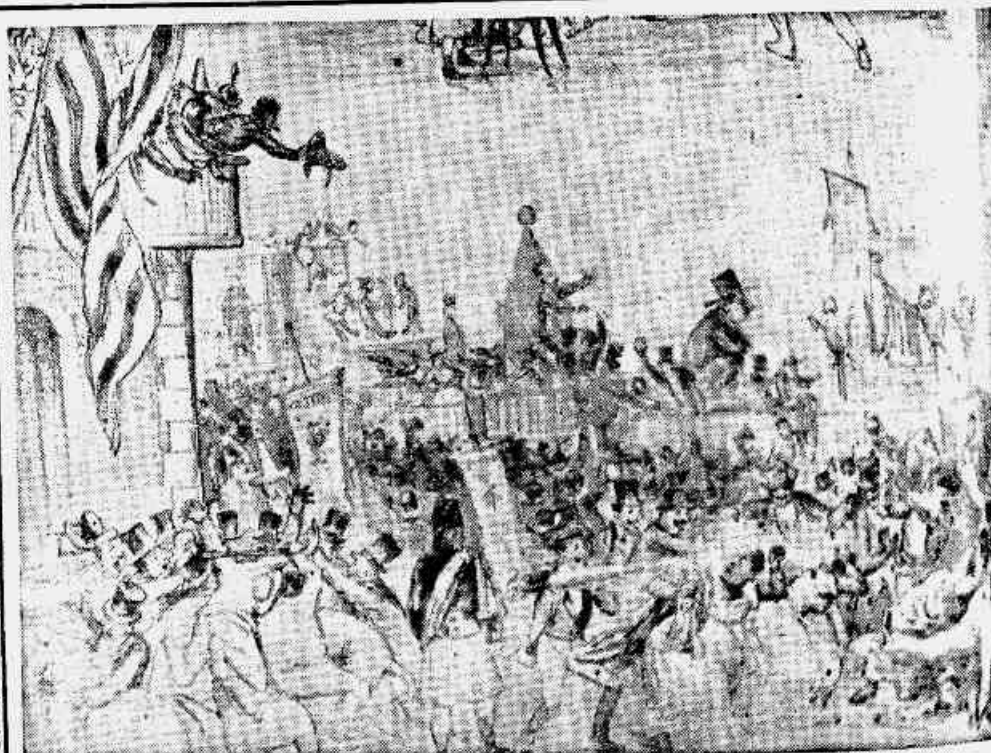
— Tem pena dos réprobos! — confirmam os Troncos.

— Compadre-te dos misérras! — suplicam os Arcanjos.

Jeová franze a testa enorme, em que as rugas são relâmpagos, e acede:

— Seja feita a vossa vontade, Anjos, Arcanjos e Troncos. Que o Homem e a Mulher, em uma época de cada ano, retomem o seu rosto, os seus sentimentos, e os seus instintos, e mostrem sem constrangimento, uns aos outros, a sua alma, como ela é... Seja feita a vossa vontade, Troncos, Anjos e Arcanjos!

— Assim seja! gritam, unânimes, as potestades celestes. Foi assim que entre os Homens pecadores, surgiu, um dia, o Carnaval.



Sociedades carnavalescas, em frente à sede dos Democráticos (desenho de Angelo Agostini — "Revista Ilustrada", 1890)

EVOÊ! EVOÊ! - GOMES LEITE

Entram, em meio ao turbilhão em que redemoinhava a Atenas, entre nuvens de "confusão" e pontes flutuantes e iridescentes de serpentina, ligando carros e automóveis, um homem de rosto cheio e glabro, olhos amarelados pela água leste do rio, um grande chapéu de peder dos leões moles, barba e bigode, a guirlanda flácida de oliveira e requiebro líbrico, sob as alças douradas da túnica, um camurim em cação lizado, a que respondiam no mesmo tom. A certa altura, junto a um corcê embandeirado, onde uma banda de subúrbio mudava a tarde com o jogo de um mariz irresistível, ele ficou largo tempo a dançar, numa dança de volúpia, colado a um companheiro de folio, que saltava ao acaso, porque em quem estava mais perto no momento em que soaram as primeiras acordes do tango carnavalesco.

Rolapansam, semi-bêbedos, ainda no ritmo sensual da canção em moda, que os populares procuravam cadenciar melhor com o acompanhamento de palmas compassadas, formando um grande círculo gaito em torno dos dois heróis do momento. Ao fim do sucesso de momento, moria, no trombo-ne nêon, a última nota da música e voltava a atenção do povo para outras bandas, em que novamente tangavam outros requieiros, os dois se olhavam, então, como conhecidos velhos e separados de longa

data, que, num mais detido exame, quisessem certificar-se da identidade um do outro. Finalmente, o velho rochoso, e alegre, de carnos flácidas, explodia um alto — Oh! — de reconhecimento, apertando nos braços o rapaz esguio, que tinha uma parte do rosto escondida por uma meia máscara e trazia numa das mãos um feixe de guiso e na outra o cetro da folia.

— A última vez que nos vimos foi em Nice. Lembra-te? — perguntou o velho felão ao seu camarada mais moço.

— Placemos juntos uma viagem de carro pela estrada do sul da Côte d'Azur para alcançarmos o corso do terceiro dia de Carnaval. Mas, estás um tanto mudado, meu amigo. Alegria tens ainda; falta-te, contudo, um pouquinho da agilidade antiga. Talvez, cansaço...

— Não, sinto-me sempre o mesmo. Também o calor desta cidade, por esta época, mortifica, exaure a gente... Vamos tomar alguma coisa fresca ali de frente.

E os dois, abandonando o tumulto da rua, foram sentar-se a um canto do bar, por baixo da Galeria Cruzeiro. Dentro de pouco tempo, uma dezena de garrafas vazias se entrecruzavam sonoramente, aos movimentos dos seus pés nervosos sob a mesa. Eles falavam e bebiam sem cessar. Nem mais guardavam segredo sobre a própria identidade, que cada um deles tratava sempre de ocultar, mesmo durante os

transportes máximos de sua loucura alérgica.

— Sou eu quem governa o mundo apesar da decadência em que acredita estar o teu irmão mais velho — disse o gordo. Ninguém se entrega de corpo e alma a não ser ao delírio dos prazeres.

— Então tens menos idade do que tu, já me sobra experiência para poder também dizer que a idade de hoje é a de um homem de outrora, entregue aos mesmos impulsos da besta primitiva, e o único amor que o subjuga, de fato, é o amor ao poder.

— Eu te digo mais, meu companheiro, eu com tantos nomes e durante tantos séculos nunca deixei de reinar, ainda que o meu reino mude de lugar de tempos em tempos. Neste momento, a sua metrópole é esta linda cidade do Rio de Janeiro, onde és festejado, e eu também, com uma efusão nunca vista anteriormente.

— Mas eu não me esqueço dos carnavais de outras terras, Veneza, em sua pompa adriática de princesa anadimênica...

— Ah! eu venho de mais longe, de muito mais longe, de paisões e de séculos em que a beleza se revestia de formas bem mais puras e de luminosidades mais claras. Chamam-me, hoje, Baco, mas o meu primeiro nome era Dionísio, e nasci na Grécia antiga. Nasci uma vez só, como todo mundo, mas os que teceram mentiras em torno da minha lenda disseram que eu nasci duas vezes. Toda lenda é verdadeira em sua origem, mas a deturpam tanto, com o cor-

rer dos anos, que os homens vulgares empacaram por uma sinonímia entre lenda e realidade. Na Grécia antiga, eu fui Dionísio, preferido e viado de reis e heróis. As vezes, ainda me ponho a recordar numa doçura de reminiscência longínqua, aquelas maravilhosas ninfas de Nisa que me criaram. Não sei bem se elas morreram ou se vivem ocultas nestes tempos de materialismo grosseiro, nunca eu ouso dizer que elas tivessem morrido, mas, no entanto, por muito que as procure, não as encontro mais... Foi à Índia, numa extraordinária e triangular expedição, tendo em meu séquito príncipes e sábios. Dentre todas as aventuras, porém, de que foram teatro na minha vida as ilhas do mar Jônico, o Oriente e a Grécia, nenhuma me deixou recordação mais funda nem melhor, do que o amor de Ariadne, na milagrosa ilha de Naxos, antes que ela se tivesse apaixonado pelo meu grave amigo Theseu. Vivi em Naxos durante muitos dias, esquecido do mundo, até o dia em que atraído pelo tumulto alegre das cidades helênicas, a que me arrastava a fatalidade do meu sangue, abandonei para sempre o seio de Ariadne e a sua ilha deserta.

Quando regressei à Grécia, chamaram-me por tantos nomes, que me confundiam às vezes. Para os jovens gregos que me cercavam, nas horas buhulentamente festivas, eu era ora Niso, ora Ditiambos, ora Bromio, ora Elio, Sabario, Zagreu... eu sei lá!... Quantos nomes e quanta vida! A huma-

nidade daquele tempo divertia-se melhor e mais belamente.

— Tinhas muito mais companheiros que hoje...

— Ah! quantos! Eles foram ficando pelo caminho, companheiros e companheiras. Se houvesse visto um dia o meu cortejo, Momo! Pan, Prímio, sátiros, filhas ninfas, bacantes... As festas dionisíacas eram as festas do meu pai. Eu sou grego de origem e nascimento, bem sabes, ainda que Homero me tivesse posto na Ilíada como um deus estrangeiro. Não o perderei jamais. Felizmente, Eurípides me reabilitou nas Escenias. Eurípides, sim, e que era um grande homem; Homero mentiu muito.

— E como passaste para Roma a glória do teu nome?

— Não fui eu: passaram-me para Roma. Também decretaram, a bem da verdade, que se a Grécia me soube amar, foi Roma que melhor me glorificou.

Os romanos, poderosos e patéticos, quiseram até dar-me uma origem latina, confundindo-me com Liber, a velha divindade nacional, muito embora houvesse lá sempre, quem me reconhecesse o Dionísio da Heslândia. Foi em Roma que me começaram a chamar definitivamente Baco, nome que eu não estranhei muito, porque já me haviam cognominado assim, uma vez, na própria Grécia, quando foi da minha volta da ilha de Naxos.

— Quando marca o início do teu domínio em Roma, Baco?

— O delírio do meu poder madrugada na Cidade Eterna com a República. A minha tirania, segundo andou dizendo depois um sr. Horácio Flaco, de quem nunca eu gostei, a minha tirania se traduziu nesse período por uma loucura permanente. E, como bom diretor de pozos eu institui grandes festas que se realizaram mais tarde sob a denominação de Saturnais e Bacanais, precursoras da encantadora mascarada que, hoje, transtorna o juízo desta cidade em que estamos.

Pertencem ao mesmo grupo de reuniões de bom gosto aqueles misteriosos dionisíacos, que te não descrevo, Momo, para que não fiques com água na boca. A água de hoje é esta, a de que passarinho não bebe. Mais vinho, "garçon", mais vinho para aqui!

— Falaste-me uma vez nas Saturnais, em Strasburgo, num dia de pingim em que estavas mais bêbedo que de costume...

— As Saturnais eram festas olímpicas! Ah! se nos fosse dado restaurá-las aqui, neste encantado Rio de Janeiro!... E as mulheres que, em Roma, nos acompanhavam na sua celebração? Não eram mulheres, eram deusas, deusas deusas mais humanas do que deusas, dessas deusas que eu amo gulosamente, entre uma posta de carne macia e uma taça de vinho velho... Oh! Bacantes romanas! Oh! Saturnais de outros tempos! Uma das datas mais tristes da minha vida está naquele maldito ano 188 antes da era de um deus sem gosto chamado Cristo; foi nesse ano que um senatus-consulto interdissu aquelas festas sagradas, que nós depois não pudemos celebrar muito secretamente, e assim mesmo sem o brilho de outrora. Meu amigo, o homem é muito estúpido: pensa que faz bem acabando com as coisas mais belas do mundo. Depois disso, para manter o meu prestígio tão abalado, eu tive de me associar a Ceres em suas festas e também comparei em pessoa às Liberais celebradas na primavera. Mas, confesso-te, eu já estava despojado e precisava sair de Roma, pelos menos por algum tempo.

— Eu não faltar desse tempo com uma espécie de saúde ancestral. Tenho quase a certeza de que eu vim ao mundo, (Continua na pág. 95)...



A moça que não voltou do Carnaval - ALVARO MOREYRA

Por quê? Ninguém sabia explicar, berlinda entre os que formavam a festa um ar que lhe deu. Ela toda:

— Sorria, no meio das perguntas de toda a gente:

— Não sentindo alguma coisa?

— Você não quer mudar esse

verbo?

— Que é e o sorriso tem?

— Sorria como se houvesse um

"luz" a tapar-lhe os olhos e a me-

lhor do resto queimada de sol e de

luz. Sorria... Como se soubesse na

— Eu acho que enlouqueceu

Opinião

— Que horror!

Opinião da opinião

Ela sorria. Metido naquele tal

largo, do cintura para cima porta-

va a cabeça lida, com a expressão

dos retratos tão novos feitos antes

dos discursos de Camilo Desmo-

lins... De cabelos em cachos. De chapéu igual a um da Rainha Maria Antonieta. O corpo, que recebia a educação do mar e dos "dancings", parecia antecedido por longos, longos, longos passos. Movia-se como involuntariamente.

Um caso sério.

Vieram médicos. Veio um mé-

dico. Veio uma mulher do Encan-

tado, que benzia muito bem.

Ela sorria.

Então, a pol, cheio de dificuldade, nos dispomos, compreendamos, a fazer o seu estado. Contratou a filha num

circo. Grande atreço:

A MOÇA QUE NÃO VOLTOU DO

CARNAVAL!

Logo no meio da estréia, ela vol-

to.

Mas, não disse nada. Continuou

a ser exibida. Cantente. Feliz.

Convenço-se de que é artista. Não quer outra vida...

Como eu me diverti - CONTO COMÉDIA

ARTUR AZEVEDO

PERSONAGENS

JORGE empregado no comércio.

O COMENDADOR ANDRADE, negociante, sócio principal da firma Andrade, Gomes & Companhia.

UM MÉDICO, DONA MARIA, excelente senhora de meia idade, estabelecida com casa de aluguer como os a mocas solteiros.

A noite passou-se no Rio de Janeiro em quarta-feira de cinzas. Atualidade.

ATO ÚNICO

A cena representa a sala e a alcova que Jorge ocupa em casa de dona Maria. Atirado sobre um velho canapé, um hábito de frade encardido de suor e auto de lama. No chão, um par de luvas, igualmente sujas, e um mar de papéis quase a desmoronar-se, preso a uns grandes bigodes e a um par de olhos.

CENA I

DONA MARIA, O MÉDICO

O Médico

Que tem ele?

Dona Maria

Não sei, doutor, não sei. O senhor Jorge tem muito bom senso, mas tem muito má cabeça; é doído pelo Carnaval.

O Médico

Gabo-lhe o gosto.

Dona Maria

Ontem vestiu-se de frade, pôs aquela nariz postiça e andou, num carro, todo enfeitado de flores, à lado de uma suleita que mora no hotel Ruyter, acomodando em préstio. Só o vendedor da pelutra lhe custou perto de setecentos mil reis!

O Médico

Quem lhe disse?

Dona Maria

Os meus hóspedes não tem segredos para mim.

O Médico

Adianta

Dona Maria

Para se não constipar, o pobre moço levou consigo, por baixo do hábito, uma garrafa de conhaque, e, de vez em quando aticava-lhe que era um gosto! Quando o préstio passou pela primeira vez na rua do Ouvidor, ele estava lá... já ia o frade que não se podia lambe! Depois, na rua da Constituição: — Isto sei eu por um amigo dele, que tudo viu — outro moço, também fantasiado, bifou-lhe a pelutra, e isso deu lugar...

O Médico

... a um rolo! Poderá!...

Dona Maria

Racharam-lhe a cabeça!

O Médico

Naturalmente.

Dona Maria

E o demônio do rapas andou culpada de tudo isto!

toda a noite, de cabeça rachada, à procura da tal mulher dos Penianos para os Tenentes e dos Tenentes para os Democráticos, bebendo sempre, até cair na rua do Fogo, às três horas da madrugada!

O Médico

Com efeitos?

Dona Maria

A polícia levou-o para a estação da travessa do Rosário, e pela manhã uns amigos, que tinham sido avisados, trouxeram-no para casa.

O Médico

Onde está ele?

Dona Maria

Naquela alcova. Há cinco horas que ali está deitado, sem dar acordo de si. Por isso, mandei chamá-lo, doutor.

O Médico

Faz bem. Vamos vê-lo. *(Entram na alcova).*

CENA II

JORGE, O MÉDICO, DONA MARIA

Na alcova Jorge está de cama, com a cabeça amarrada, os olhos fechados, os braços caídos. O médico, ao ver o enfermo, tem um movimento que escapa a dona Maria.

O Médico, tomando o pulso ao doente

Não tem febre. *(Depois de examinar-lhe a cabeça).* O ferimento nada vale... Já lhe puneram uns pontos falsos; é quanto basta... O seu hóspede tem apenas o que os estudantes chamam uma "ressaca"; precisa de descanso e mais nada. Quando voltar a si, se quiser tomar alguma coisa, dê-lhe uma canja, dois dedos de vinho do Porto misturado com água de Vichi, um pouco de marmelada, e disse. Se amanhã continuar incomodado, que tome um laxante.

CENA III

O MÉDICO, DONA MARIA

Na sala

O Médico, tomando o chapéu

A senhora não imagina como estimei ter sido chamado para ver este senhor Jorge! Foi uma providência!

Dona Maria

Por que, doutor?

O Médico

Conheço-o, mas não sabia que se tratava dele. É o namorado, o quase noivo de minha afilhada, filha do meu velho amigo Raposo. A menina gosta dele, e o pai já estava meio inclinado a consentir no casamento; tinham-lhe dado boas informações sobre este pândego. Agora, porém, vou prevenir o compadre, e dissuadir minha afilhada, que é muito doçil e me ouve com acatamento.

Dona Maria

Valha-me Deus! e sou eu a culpada de tudo isto!

O Médico

Culpada por que?

Dona Maria

Por ter mandado chamar o padrinho! Pobre rapaz!...

O Médico

A senhora deve estar, pelo contrário, satisfeita, por ter indiretamente contribuído para este resultado. *(Voltando-se para a alcova).* Que grande patife! namorar uma menina pura como uma flor, e andar de carro, publicamente, embriagado, em companhia de uma prostituta!

Dona Maria

No Carnaval tudo se desculpa.

O Médico

Nada! — eu sou o padrinho, o segundo pai daquele anjo! *(Vai saindo).*

Dona Maria, tomando-o pelo braço

Doutor, doutor, não vá assim zangado com o senhor Jorge... não diga nada à família da menina... Ah! se eu soubesse... Mas que quer?... Vejo que este hóspede tem segredos para mim... O doutor tenta safar-se! Ouça, doutor... ele tem um bom emprego... e muito estimado pelos patrões...

O Médico

E a minha afilhada tem um dote de cento e cinquenta contos!

Dona Maria, aterrada, largando o braço do médico

Cento e cinquenta contos!

O Médico, saindo

Fora o que lhe há de caber por morte do pai! *(Chegando à porta).*

porta, para, volta-se e diz: Canja... vinho do Porto... Água de Vichi... marmelada... e disse!

(Sai).

CENA IV

Dona Maria, depois Andrade

Dona Maria fica perplexa, de olhos baixos, na atitude de Fédra, quando diz:

Juste ciel! qu'ai je fait aujourd'hui?

E despertada bruscamente pelo comendador Andrade, que entra com grande espalhafato.

O Comendador, gritando

Onde está o senhor Jorge?

Dona Maria, consigo

Um homem zangado! E' ele, é o pai da menina!...

O Comendador

Senhora, pergunta-lhe pelo senhor Jorge!

Dona Maria

Está doente... naquela alcova... dorme...

O Comendador

Já me contaram as façanhas que ele praticou esta noite!

(Apanhando o nariz postiço). Cá está uma prova! *(Atira-o longe).*

Dona Maria

Desculpe-lhe essa rapaziada e não lhe negue a mão da menina.

O Comendador

A mão da menina! Que menina?

Dona Maria

Sua filha.

O Comendador

Minha filha? Qual delas? Pois este mariola ainda me diz-se atreve a arguer os olhos para uma das filhas do seu pai?

Dona Maria

Do seu pai? Ah! então é o senhor Raposo?

O Comendador

Que Raposo nem me fale! Eu sou o comendador Andrade, sócio principal da firma Andrade, Gomes & Companhia! — O senhor Jorge está dormindo, disse a senhora...

Dona Maria

Sim, senhor.

O Comendador

Pois bem; quando acordar, diga-lhe que eu aqui estive, e o ponho no olho da rua! Que apareça para fazermos conta!

Dona Maria

Atenda, senhor comendador!

O Comendador

A nada atenda! A casa Andrade, Gomes & Companhia não pode ter empregados que embriagam e passam a noite no kadrez! Era o que faltava! *(Sai arrebatadamente).*

CENA V

Jorge, Dona Maria

Na alcova

Jorge

Abre um olho, depois o outro, olha em volta de si, certifica-se de que está em sua casa, dirige a dona Maria um sorriso de agradecimento, solta um longo suspiro, e exclama com voz rouca e sumida.

Como eu me diverti!

(Cai a pança).



Está doente... naquela alcova... dorme... *(Desenho de Oswald Goeldi)*